



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS E DA SAÚDE
PUC - SP

Manoel Paulo Taveira Junior

“DO FETICHE À RELÍQUIA”
Paixão, Luto e Melancolia (?)
A partir de um estudo de caso

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS E DA SAÚDE
PUC - SP

Manoel Paulo Taveira Junior

“DO FETICHE À RELÍQUIA”

Paixão, Luto e Melancolia (?)

A partir de um estudo de caso

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com área de concentração em Método Psicanalítico e Formações da Cultura, sob a orientação do Professor Doutor Renato Mezan.

São Paulo

2014

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

Meu sincero agradecimento àqueles sem os quais
Nada disso seria possível:

A todos que, comigo, partilharam sua dor
E que me concederam, assim, o
Privilégio de aprender a arte da escuta
E a acreditar que o sofrimento
Pode ser transformado

A Renato Mezan:
Pela acolhida,
Pela confiança,
Pela paciência,
Pela generosidade
E pela orientação

À minha analista:
Pela escuta e
Pelo respeito

Aos meus professores e colegas:
Pelas trocas que mantém a clínica viva

A meu pai e minha mãe:
Pelo ideal, pela realidade,
E pelo amor deixados após
Sua partida.

*“Loucura de sonho naquele silêncio alheio!...
A nossa vida era toda a vida... O nosso amor era o perfume do amor...
Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... E isto porque sabíamos,
com toda a carne da nossa carne, que não éramos uma realidade...
Éramos impessoais, ocos de nós, outra coisa qualquer... Éramos aquela
paisagem esfumada em consciência de si própria... E assim como ela era
duas - de realidade que era, e ilusão - assim éramos nós obscuramente dois,
nenhum de nós sabendo bem se o outro não ele próprio, se o incerto outro
viveria... (...). Não tínhamos época nem propósito. Toda a finalidade das
coisas e dos seres ficara-nos à porta daquele paraíso de ausência.
Imobilizara-se, para nos sentir senti-la, a alma rugosa dos troncos, a alma
estendida das folhas, a alma núbil das flores, a alma vergada dos frutos...
E assim nós morremos a nossa vida, tão atentos separadamente a morrê-la
que não reparámos que éramos um só, que cada um de nós era uma ilusão do
outro, e cada um, dentro de si, o mero eco do seu próprio ser... (...).”¹*

Fernando Pessoa

¹In: *A Floresta do Alheamento*. In: *Livro do Desassossego*. Lisboa. Ática. 1982.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de investigar as origens e os efeitos da paixão através de um estudo de caso. É um estudo sobre a clínica psicanalítica que objetiva a articulação de conceitos metapsicológicos da obra S. Freud tomando como “coluna vertebral” parte da história do sujeito em questão. O primeiro capítulo dedica-se a discutir os conceitos de escolha objetal e fetichismo. O segundo capítulo dedica-se a investigar e discutir o conceito de complexo de Édipo, ideal do Eu e a ilusão inerente às paixões. O terceiro capítulo aborda os conceitos de luto e melancolia. Em cada capítulo são apresentados materiais clínicos com a finalidade de ilustrar os conceitos metapsicológicos escolhidos e indicar com vivacidade o sofrimento experienciado pelo sujeito do caso, bem como suas possibilidades de “cura”.

Palavras-chave: Escolha objetal, Fetichismo, Complexo de Édipo, Ideal do Eu, Luto, Melancolia, Método psicanalítico, Psicanálise.

ABSTRACT

This work aims to investigate the origins and effects of passion through a case study. It is a study of the psychoanalytic clinic that aims to articulate metapsychological concepts of S. Freud's work taking as "spine" the history of the subject in question. The first chapter is dedicated to discuss the concepts of object-choice and fetishism. The second chapter is devoted to investigate and discuss the concept of the Oedipus complex, ideal Self, and the experience of illusion inherent passions. The third chapter discusses the concepts of mourning and melancholia. Clinical material are presented in each chapter to illustrate the chosen metapsychological concepts and indicate vividly the suffering experienced by the subject of the case, as well as his ability to "cure".

Keywords: Object-choice, Fetishism, Oedipus Complex, Ideal self, Mourning, Melancholia, psychoanalytic method, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: O ENCONTRO	19
CAPÍTULO II: O (RE) ENCONTRO: EU E AQUILO QUE JÁ FORA EU MESMO ..	34
CAPÍTULO III: O DESENCONTRO: EU, O OUTRO E A REALIDADE.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

Amor e paixão, sentimentos que carregam em si a marca indelével de uma história que nem sempre acaba com um final feliz, como insistem em dizer alguns contos da literatura infantil e as demais produções culturais.

“E viveram felizes para sempre...”. O que nos é desconhecido, para além da magia e fantasias infantis que parecem resistir à realidade e ao tempo, é a certeza que não nos é apresentada de como tais histórias acabam e de como viveu o par apaixonado ao longo dos anos não retratados. No entanto, torna-se inevitável o surgimento de algumas questões de suma importância, como, por exemplo, estas: Por quanto tempo perdura o sempre de tais histórias? O casal (ou par) foi feliz para sempre juntos ou separados um do outro? Afinal, em que consiste esta suposta felicidade? Em suma, o que é o amor? O que é a paixão? São sentimentos idênticos? Semelhantes? Ou diferentes do ponto de vista psicanalítico?

O amor e a paixão, para além de qualquer tentativa de apreensão e definição, parecem exercer um fascínio sobre aqueles que os vivenciaram ou sobre aqueles que apenas ouviram falar de uma história de amor. Seja como for, parecem todos encantados após terem sido tocados por Eros.

Tal fascínio e interesse se faz presente na cultura desde a Antiguidade. Platão, num de seus mais poéticos e profundos diálogos, trata do amor em *O Banquete (Symposion)*. A profundidade deste texto se faz fundamental na tradição sobre Eros e influencia de forma marcante as produções e o pensar posteriores sobre o tema, além de trazer a marca tradicional da concepção socrática – que prevaleceu no platonismo – da passagem do amor físico, do amor sentimento, do amor carnal para o amor espiritual, o amor da alma, numa espécie de ascese, algo da ordem de uma elevação espiritual, de uma purificação do amor carnal conforme uma dada hierarquia, a *scala amoris*, até atingir seu grau mais elevado, o amor contemplativo, a contemplação da própria ideia, ou forma, do belo.

Assim, o amor verdadeiro, ou a busca por ele, dar-se-ia pelo abandono do objeto amado, de seu corpo, de sua figura e das coisas belas que proporcionam o prazer. Amar seria, essencialmente, a busca por algo mais fundamental e elevado, portanto abstrato e espiritual. O amor “platônico”, expressão frequentemente usada em nossos dias, seria marcado, entre outros aspectos, pela ternura, pela calma, tranquilidade e pela impossibilidade de ser vivido. O

amor platônico é o amor das ideias e dos ideais que não contempla o calor e a tensão, próprios do encontro apaixonado dos amantes.

Nenhuma das características acima mencionadas parece ser a marca – ou sintoma – de outra forma de amar, senão a própria do amor romântico. Sentimento próprio daqueles capturados por Eros, que faz com que se empreenda uma busca por vezes incessante pela completude inatingível enquanto realidade. Sentimento caracterizado pelos excessos e pela entrega, pelo desejo imperativo e desmedido que se faz ainda mais marcante no encontro sexual entre o par, e, ao mesmo tempo, pelo constante medo e apreensão diante da perda do amado. Perda que decorre do tempo, da morte e da inevitabilidade das vicissitudes inerentes à vida. Contudo, este amor se constituiria numa via – ainda que por vezes tortuosa – pela qual se poderia alcançar o autoconhecimento, de modo que os amantes pudessem se conhecer um ao outro e a si mesmos por intermédio do encontro amoroso. Em última análise, a vivência do amor seria a via de acesso à essência da alma. O processo de descobrir do que se é feito através do outro.

Tal ideia parece ter atravessado os tempos de forma intacta, bastante vívida e com status de extrema atualidade através de personagens que a cultura cultivou. Assim como ocorreu na história de amor – ou tragédia? – de *Romeu e Julieta*, na qual o sentimento de amor teria sido responsável por aquilo que fez com que os amantes rompessem com as convenções da época, que experimentassem voluptuosamente o inexplicável. O inexplicável que arrebatava corações em qualquer tempo e lugar. Que experimentassem algo que, em seu extremo, tem a potência de se tornar trágico, com a força de levar à morte, algo que faz com que o viver por amor ceda lugar ao morrer de amor, ou antes, morrer por amor.

Renato Mezan, em *O amor romântico no século XXI*¹, aborda a questão traçando uma diferenciação entre o amor *romântico* (a estereotipia dos finais felizes, do cortejo e da sedução eterna, a “atmosfera e os momentos românticos” frente à fuga da rotina e da banalidade etc.) e o *romantismo* (estado de “graça” que coloca o apaixonado “nas nuvens”, que o afasta da realidade imediata alienando – o em seu desejo). No caso de um amor correspondido, o romântico se desprende do mundo e esquece tudo o mais que não seja o objeto de seu amor. No caso de um amor impossível, o romântico vive constantemente inseguro em seu desassossego, ou seja, não ter o objeto amado faz com que o romântico empreenda uma busca por tê-lo. Seja qual for o caminho, o romântico oscila entre a plenitude do amor correspondido e a dor de não ser amado por quem se ama.

¹ In: VELLOSO, João Paulo dos Reis (org.). Amor em tempos de desamor e o enigma: o Brasil tem jeito? Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

Já o *Romantismo*, enquanto movimento literário surge como uma resposta ao ideal iluminista e hegemonia da Razão que, dentre as ideias grandiosas e as conquistas da liberdade, humanidade e cidadania, desprezou a importância das paixões, uma vez que essas eram vistas como obstáculos no rumo à verdade e a felicidade.

Do amor romântico, na concepção em que se apresenta, pode-se evidenciar sua dimensão trágica, em que a dor de amar pode surgir como um desfecho inesperado. A ideia de sofrer por amor é tão redundante quanto a ideia de que “não se escolhe por quem se apaixona”. Seja como for, inegável é o fato de que, seja amor ou paixão, o sofrimento parece ser algo da ordem do inerente e do inevitável a qualquer vinculação, real ou fantasiosa, a dois numa paixão recíproca e correspondida, ou a sós numa paixão desmedida, alienante e inatingível.

“As paixões quase nunca acabam bem”, se diz popularmente, uma vez que, a qualquer modo e a qualquer tempo, a paixão “acaba” e o amor se desfaz..., ou ainda, quando o amor não teve tempo de se constituir a dois após a vivência do estado passional, original e fundamentalmente narcísico. Os amantes se desencontram e o vínculo, antes envolto em promessas e expectativas de uma união e amor eternos, dá lugar à dor e ao sofrimento. Como exemplo, temos a história de *Abelardo e Heloísa*, contada por Maria Adelaide Amaral em “*Grandes amores universais*”².

Abelardo era filósofo, talvez o primeiro racionalista da Idade Média pelo fato de vir a frequentar as aulas de Guillaume de Champeaux, em Paris, com quem mais tarde teria conflitos relacionados à sua visão da fé e, conseqüentemente, de Deus. Abelardo defendia a ideia de que a fé deveria ser mediada pela razão, de modo que se acreditasse apenas naquilo que fosse passível de compreensão. Seu pensamento revolucionário e incômodo à tradição cristã fez com que se afastasse e fundasse no monte Saint-Geneviève sua própria escola, despertando a atenção dos jovens que vinham de toda a Europa. Dentre os jovens estava Heloísa.

Conta a versão romântica da história que o casal se conhecera quando Heloísa perdera o véu de seu tocado ao vento e que este caíra aos pés de Abelardo que a surpreendera, apanhando o véu antes dela e... Imediatamente se deu o encantamento recíproco quando seus olhares se encontraram. Estava dada a paixão.

Heloísa era órfã de pai e mãe e contava com os cuidados de seu tio, o cônego Fulbert, a quem Abelardo recorreu a fim de manter sua amada por perto. O pretexto era o de ensiná-la

² In: VELLOSO, op. cit.

para que atingisse a virtude por meio do conhecimento, algo muito estimado por seu guardião que cedera de bom grado o direito ao tutor e amante secreto.

Um grande mestre e sua ávida pupila compartilharam então muito mais que o interesse pela Filosofia. Assim, nas horas de estudo, os amantes se entregavam ao amor. A estratégia do casal cai por terra com a gravidez inesperada de Heloísa, uma vez que ambos certamente seriam alvo de um escândalo. O escândalo de Abelardo referia-se à quebra do celibato e da castidade que, até o século XV, eram exigidos dos mestres, e o de Heloísa à perda de sua honra e por envergonhar a família.

Era preciso então ocultar a gravidez. Abelardo decide por raptar Heloísa e levá-la à casa de sua irmã, na Bretanha. Vai até seu tio, Flubert, e propõe casamento, o que, para sua surpresa, foi aceito de imediato. Contudo, em função da reputação de Heloísa e de sua condição de professor, Abelardo pede sigilo absoluto.

Contrariamente à suposição de Abelardo e de Flubert, Heloísa declina o pedido de casamento, alegando que a rotina e as demandas de um lar acabariam por impedir os avanços de seu amado enquanto pensador, e lhe propõe que sejam amantes. No entanto, Abelardo cumpre o prometido a Flubert e se casa com Heloísa em segredo. Após o nascimento de seu filho, Astrolábio, Heloísa o deixa sob os cuidados da irmã de Abelardo e volta a Paris à casa de seu tio. Abelardo continua a viver em seus aposentos de solteiro a fim de evitar qualquer suspeita. Mas, como ocorre em quase todas as paixões, a atração é maior e os dois continuam a se encontrar.

Flubert, preocupado com os rumores que cercam sua família, decide falar abertamente sobre o casamento de sua sobrinha. Heloísa, no intento de preservar a posição de professor de seu amado, acaba por negar o boato. Seu tio, ridicularizado publicamente, passa a maltratá-la, o que faz com que Abelardo a retire da casa, enviando-a a um convento em Argenteuil. Flubert, interpretando este ato de Abelardo como abandono de Heloísa, contrata dois homens para castrá-lo.

Abelardo, diante desta tragédia, torna-se monge, e Heloísa freira. Os dois continuam a se ver diariamente numa escola-mosteiro construída por Abelardo, mas nunca mais se falaram. Aos 63 anos morre Abelardo, no ano de 1142. 22 anos depois morre Heloísa, que mandara erigir um sepulcro em homenagem ao amado e que fora, a seu pedido, sepultada a seu lado.

Deste amor restaram as cartas apaixonadas de um ao outro, em que o destino se apresentava demasiado cruel, responsável pela penosa separação, e a lenda de que Abelardo,

ao ter seu túmulo aberto quando da morte de Heloísa, jazia intacto e de braços abertos à espera de sua amada.

Grande parte das histórias de amor, nas quais o “viveram felizes para sempre” não se apresenta, deixa margem à crença – e à fantasia – na infinitude do amor e na imortalidade da vida. Pois o apaixonado crê cegamente no sempre das histórias de amor próprias da infância, banhadas de certa “pureza” ainda que onipotente, e crê que tudo acabará bem a despeito da realidade e das vicissitudes da existência humana. Assim, estar apaixonado é ser e agir, de maneira ingênua, como uma criança em busca do príncipe e da princesa encantados. É o mesmo que viver num castelo feito de sonhos e com as muralhas tão altas e resistentes quanto podem ser as fantasias, as defesas, as resistências e os desejos de quem quer amar e ser amado. De quem quer amar e ser amado sem levar em conta o mundo para além do par apaixonado. É viver a paixão desconsiderando a realidade para além da realidade psíquica compartilhada, desejando ignorar qualquer outra coisa que não seja o amado, o amar e o amor a si mesmo.

Ainda que, conforme mencionado anteriormente sem pormenores, o amor seja passível de classificação e rotulação, há relatos ao longo dos séculos sobre alguns tipos que demonstram persistência e notoriedade. Denis de Rougemont (1961), em seu livro *Les Mythes de l'amour*, aponta para o amor quatro grandes concepções. Desta forma, o sentimento de afeição e apego entre duas pessoas – *Philia* – abarca as seguintes categorias: 1. *Philia physiké* (natural ou parental, entre seres consanguíneos), 2. *Philia xeniké* (em relação à hospitalidade frente ao estrangeiro), 3. *Philia hetairiké* (em relação à reciprocidade entre iguais, a amizade), 4. *Philia erotiké* (o sentimento que une o amante ao amado, eito de desejo e ternura). Esta última variante admite ainda seis subcategorias: 4.1. *Emnóia* (devoção), 4.2. *Ágape* (amor “puro” e desinteressado), 4.3. *Storgé* (ternura), 4.4. *Cháris* (caridade), 4.5. *Páthos* (sofrimento provocado pelo desejo) e 4.6. *Mania* (paixão desenfreada). Sobre essas duas últimas versará grande parte deste escrito.

No seu artigo, Mezan afirma que no século XIX ocorre uma imensa ampliação no que se refere ao número de leitores e espectadores das novas formas de produções culturais – a imprensa diária, a litografia, a fotografia, entre outras – que trazem à tona o tema, anteriormente restrito à nobreza e parcela letrada da população. Desta forma, os ideais próprios às histórias de amor passaram, em maior medida, a permear e a orientar comportamentos e expectativas daqueles que jamais teriam ou terão a chance de concretizá-los. Daí uma distância abismal entre fantasias, ideal e a satisfação destas na e mediante a realidade.

A inacessibilidade do objeto amado, ou da vivência do amor, retratada em algumas produções culturais e em inúmeros casos que se apresentam à clínica psicanalítica, encontra-se com a impossibilidade do ideal tão desejado e investido da completude e da fusão. Como resultante, têm-se vivências de dor e angústia oriundas do fracasso de tal intento de caráter fantasioso. Para além da frustração e da dor, defesas são convocadas a fim de preservar a estrutura psíquica do amante desiludido: cisão, projeção, mania, negação, recalque, entre outras. Os ideais parecem carregar ao mesmo tempo um norte e a impossibilidade de alcance deste mesmo destino.

Do outro lado, apesar e a partir desta dor, reside algo da ordem da vida neste amante desiludido que, ao convocar tais defesas, se permite sobreviver à tão desejada fusão com seu objeto de amor. Em última instância, o consumiria por completo, tal como um metal derretido e misturado a outro. Conforme comenta Mezan (2006), a fusão perfeita e total extinguiria a possibilidade de os amantes existirem enquanto indivíduos, pois, por mais desejada que seja esta, o ideal embutido na fusão carrega em si uma falha: o fato de que o outro, que não eu e ainda que fundido a mim, tem sempre um “lado de dentro”, permanentemente desconhecido ao seu amante, uma interioridade de cunho privado e secreto que garante um espaço psíquico em meio à loucura fusional – ainda que desejada.

Assim, a ideia e o desejo de uma união completa, absoluta e impossível, presentes no amor-paixão, fazem o amante vislumbrar o céu, permitem a ele a fantasia de viver nas alturas. Em contrapartida, a separação do par e o fim do vínculo, na realidade, asseguram ao amante, por mais cruel que possa soar, a sua “queda” de volta à realidade, de volta a si mesmo, ainda que sob a forma de um castigo digno do inferno.

Tal desejo de fusão tem sua origem na perda da ilusão, no fato vivido de que não se pode ser e/ou permanecer ligado à fantasia da completude e ao desejo de se fazer completo no e pelo outro e, mais que isto, fundido às figuras parentais há muito deixadas enquanto realidade, ainda que a vivência de tal fusão possa ter sido – e foi – deveras real durante os primeiros tempos de vida: a infância. Reencontrar os pais, aquele amor e, acima de tudo, a si mesmo enquanto sujeito completo. Sujeito completo é o alvo e destino do amor parental. São desejos que parecem permear (e motivar incessantemente?) qualquer forma de vinculação amorosa durante toda a vida, desconsiderando, assim o tempo. Tempo que, na verdade, não é considerado nas formações inconscientes.

Por este motivo, afirma Mezan (2006, p. 77).

“todo amor envolve uma parcela de infantilismo, o que determina se será neurótico ou não é a dimensão desta parcela. As exigências impostas ao amado, a solicitação de que desempenhe para nós o papel de mãe ou de pai – e ainda melhor do que os pais que tivemos – estão na base de muitos relacionamentos fracassados, pois equivalem a desconhecer a individualidade do outro e a desprezar o que ele pode efetivamente oferecer em nome daquilo que por natureza está fora de seu alcance”

Trata-se aqui, portanto, de uma forma muito peculiar de amor, o amor próprio, imerso no narcisismo de caráter infantil e onipotente, mas, ao mesmo tempo, extremamente frágil. Ainda que respondam ao seu desejo, o controle e a posse sobre o amado só existem em sua fantasia, pois esse jamais corresponderá àquilo que o amante demanda, ainda que o ame com todas as suas forças. A ideia e a possibilidade de fusão parecem, portanto, ameaçadas na sua origem, suscitando, assim, diante da impossibilidade de se desfazer no outro, afetos da ordem do ódio e da angústia que podem levar às mais diversas formas de agressão, física ou verbal, e até mesmo à morte, como nos mostram inúmeros crimes – assassinatos e suicídios – cometidos em nome da paixão ou do amor: os crimes passionais.

Tal condição passional, ou tendência à fusão, não se faz presente exclusivamente nos psiquismos apaixonados, uma vez que somos todos constituídos – na origem – de maneira tal que o desejo de se fundir ao outro é marca inerente à própria condição humana, tal como fora quando da fusão primeira vivenciada na relação diádica entre mãe e bebê. Assim, de um lado da moeda tem-se o risco de perder-se no outro, de outro lado o desejo de encontrar-se no outro. Tal como Narciso e sua imagem refletida na água. Viver um amor-paixão pode ser uma impossibilidade de escolha, assim como não vivê-lo pode se caracterizar como uma forma de evitar correr tal risco. No entanto, a “pedra fundamental do narcisismo” reside na construção de todo e qualquer psiquismo.

Fundir-se no outro, por meio da vivência de um amor-paixão, toma uma dimensão ainda mais forte quando se pensa no erotismo e, mais precisamente, no ato sexual, uma vez que é através da fugacidade do orgasmo que os amantes podem vivenciar um momento de despersonalização. O desejo e a ideia de “sermos um só no mesmo corpo” se torna real e, por este mesmo motivo, é assombroso. Talvez por isto o orgasmo – a “pequena morte” – propicie tal experiência por apenas alguns segundos, pois permanecer neste gozo seria psiquicamente letal, ainda que pareça desejável em alguns relatos apaixonados.

Mas, afinal de contas, o que impulsionaria o sujeito – ainda que sob a forma da busca e da vivência de um amor-paixão – no sentido desta despersonalização? No sentido desta fusão no outro? Mezan (2006), neste mesmo artigo, afirma que o motivo responsável por tal

busca – e desejo de ser um no outro – reside na fragilidade de um Eu envolto pelas carências narcísicas primitivas que, frente ao declínio das instituições “família e casamento”, são agravadas pelo modo de vida da sociedade contemporânea. Se isto, por um lado, trouxe maior liberdade de escolha ao sujeito, por outro, certamente fez com que ele perdesse as referências responsáveis por certa estabilidade dos elementos externos introjetados – papéis maternos e paternos. Elementos estes que acabam comprometendo, assim, as identificações sobre as quais é estruturado o seu Eu, deixando-o à deriva em meio às demandas do mundo e de amor.

O amor romântico, como expressão, carrega em si, portanto, a promessa, até certo ponto ingênua, de completude. Carrega em si a promessa da fusão no e pelo outro, apresentando-se assim como uma solução e um remédio para a dor do viver, especialmente no século XXI. Sim, sobretudo neste momento em que os laços e vínculos se fazem cada vez mais superficiais, opacos e opacos, em que o “ser feliz” não se faz possível, mas antes, se faz imperativo ao mesmo tempo em que alienante. Um amor parece ser, realmente, uma salvação possível! Viver no paraíso do amor...

Vivido a dois, o amor romântico, mediado de forma inerente pelo narcisismo como qualquer outra forma de vinculação, pode frequentemente boicotar a própria ideia do amor caso o amor próprio dos amantes se encerre em si mesmo, numa espécie de auto-deslumbramento, de uma captura de si mesmo, amar-se como fim e não como meio; o amante seria mero espelho para o amado e vice-versa. Contudo, amar a si mesmo pode ser a condição primeira para que o amar ao outro possa se dar. O amor próprio pode ser visto assim, não como o narcisismo enquanto a forma popular do “egoísmo” exacerbado, mas como autoestima – valorização de si mesmo – até certo ponto um pressuposto do amor ao outro, condição *sine qua non* ao “verdadeiro” amor, uma vez que todo aquele que não ama a si mesmo seria incapaz de amar a quem quer que seja. Assim, amar o outro como a si mesmo seria, em última instância, um derivativo do narcisismo, fundamental à preservação do Eu.

É, portanto, do amor-paixão, envolto pelo narcisismo, que trata este trabalho. O tema se apresentou de forma inevitável, intrínseca e sobredeterminada, uma vez que a clínica psicanalítica é frequentemente inundada por amores mal resolvidos, paixões que parecem não ter fim, encontros e desencontros entre sujeitos, desejos e psiquismos. Desta forma, a escolha deste tema se deu de maneira deveras natural. Escutar e abordar a escolha objetual, seja enquanto paixão seja enquanto amor. Se é que há uma diferença. Narcísica e/ou anacliticamente uma escolha objetual se fará, ou já se fez há muito.

Assim, esta é a proposta: pensar a escolha narcísica – tão livremente quanto meu supereu me permite – e construir um trabalho sustentado e permeado pela escrita e escuta

clínica. Percorrer os caminhos da origem e da dor inerente às grandes paixões, não somente como algo potencial e estritamente patológico, mas como algo que pode trazer consigo a possibilidade de ressignificação e transformação do sujeito, ainda que de uma forma penosa e, por vezes, extremamente cruel quando da entrada da realidade em tal processo e seu consequente fim, ou numa transformação possível do (eu) ideal em amor, portanto na renúncia do desejo – e da fantasia – de completude.

O amor-paixão deseja, portanto, a fusão entre o amado e o amante, a busca pela indiferenciação Eu-outro, e traz a marca de um deslumbramento, de um fascínio pelo objeto de amor e de uma espécie de captura amorosa do sujeito, mas o caso aqui estudado tem a sua peculiaridade. O “apaixonamento” do sujeito em questão deseja, para além do exposto há pouco, o resgate de si mesmo através do outro, como se fosse um reencontro narcísico originário, fazer-se um no/pelo/para o outro.

A hipótese de um quadro melancólico – e de uma organização psíquica de ordem narcísica – surge no decorrer das páginas e do estudo desse caso, o que o torna quase um estudo de *tipo* de caráter. Ainda que o proposto no presente trabalho não seja um estudo pormenorizado da melancolia, esta se faz presente como pano de fundo para a paixão aqui contada.

Assim, este trabalho objetiva fazer um estudo de caso que tem em primeiro plano o amor-paixão, o qual traria consigo as seguintes questões: Como teria se dado sua escolha objetual? Teria havido neste momento a construção de um fetiche? Houvera o fracasso do luto frente à separação original de sua mãe? Como teria se constituído (ou não?) a dissolução de seu Complexo de Édipo? A que sua escolha de objeto viria responder? Tal escolha seria passível de ressignificação? Estaria o apaixonado fadado à repetição e à busca de um objeto narcísico ideal? Seria ele incapaz de amar? Seria o amor a decorrência possível e natural de uma paixão elaborada pela realidade e, portanto, dissolvida? Seria a sublimação a “cura” da paixão? Ou ainda a renúncia pelo objeto de amor primeiro?

Tais são os questionamentos e inquietações que movem e direcionam este trabalho, bem como os conceitos de escolha objetual, fetiche, complexo de Édipo, luto e melancolia. Para tanto, a opção escolhida foi a de trabalhar, quase que exclusivamente, com textos da obra de S. Freud. Numa espécie de “linha do tempo”, o estudo de caso apresenta três momentos que, embora constituam parte de um todo, têm sua particularidade e, desta forma, a seleção dos textos acompanha este pensamento: “Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens (Contribuições À Psicologia do Amor)” (1910), “A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação Na Teoria Da Sexualidade” (1923), “Tipos Libidinais” (1931),

“Fetichismo” (1927), “A Dissolução Do Complexo De Édipo” (1924), “O Ego e o Id” (1923), “O Futuro de Uma Ilusão” (1927), “Luto e Melancolia” (1917[1915]) e “Análise Terminável e Interminável” (1937). Em tempo, no Capítulo II serão usados recortes de uma monografia sobre Ideal de Eu, elaborada durante o 3º ano do curso de formação em psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae.

Ao lado do autor, no percurso deste trabalho, caminha um sujeito aqui chamado de Paulo, analisando e irmão de inconsciente, que tanto o ensinara daquilo que já conhecera através de vivências clínicas – enquanto analista e analisando – e reflexões pessoais, enquanto sujeito, amante e amado. Paulo e este autor seguiram ao longo de riquíssimos, mas não menos árduos, dois anos de um trabalho de luta ao luto, de desconstrução de uma paixão devastadora, da ordem de páthos, de uma negação, de uma recusa e de uma defesa maníaca frente à realidade e ao abandono por parte de sua amada. Ao longo de sua análise, questões referentes à sua história suscitaram ao autor a hipótese de um quadro – ou de um estado – melancólico como pano de fundo ao sofrimento dele.

O primeiro capítulo deste trabalho se dedica a caminhar por parte de sua pré-história e por sua infância, revelando as origens de sua escolha objetal e de seu Eu ideal, da vivência de seu complexo de Édipo e da herança legada ao seu Ideal de Eu. O segundo e o terceiro capítulos abordam especificamente esta paixão vivida por Paulo que, num primeiro momento, o resgatara de sua solidão num movimento mágico e encantador do destino. Como se vivera um conto de fadas... Após o fim deste “amor sem fim”, serão abordados o luto quase impossível, a defesa maníaca frente ao abandono, a queda de volta à realidade do desamparo e do vazio, assim como sua possível “cura” (ou renúncia?) frente a esta paixão mágica que, ao mesmo tempo, fora uma espécie de salvação e condenação.

“Todo analista tem um paciente que o forma enquanto tal”, diz-se frequentemente no meio analítico, ainda que o autor não seja conhecido. Este caso e a análise deste sujeito concederam ao autor do presente trabalho tal honra, pois este caminhar ressignificou profundamente sua breve história como analista e, até então, parte de sua desconhecida história como sujeito. Pois a situação analisante, para que seja construída e reconhecida como tal enquanto um enquadre muito específico, implica não um, mas dois inconscientes, uma vez que não se “observa” o analisando “de fora”, mas, antes, o analisando é visto e escutado a partir “de dentro” da analista. A mesma exigência se faz presente na pesquisa, já que o objeto de pesquisa não é visto à distância, “de longe”, de modo que o sujeito da pesquisa não se apresenta como um dado a ser manipulado experimentalmente. E isto, inevitavelmente, inclui e convoca o analista-pesquisador a ser parte deste mesmo objeto. Logo, a pesquisa é feita

muito “de perto”. Analista e analisando, pesquisador e objeto de pesquisa se encontram juntos, e por vezes misturados, mediante os movimentos transferenciais pertencentes ao plano intersubjetivo e, também, a tudo aquilo que compõe o plano intrapsíquico envolvido: pulsões, afetos, representações recalcadas, cisões, fantasias, desejos, mecanismos de defesa e resistências, entre outros. Daí o desafio imposto a qualquer pesquisa desta natureza.

Manter-se “sóbrio” em meio à dinâmica que se apresenta num processo de “escrita flutuante” e almejando ir além daquilo que fora “observado” e dos “fatos” que a clínica psicanalítica traz requer um estado especial de mente em que a memória, o desejo e a tentação da compreensão a priori não ponham a perder a pesquisa. Ainda que a indispensável especulação teórica esteja no cerne das produções e saberes psicanalíticos, a escrita da clínica sempre carrega o caráter de ficção, uma vez que aquilo que é escrito está atrelado à capacidade de apreensão e compreensão daquele que pesquisa e escuta. E em meio a tal processo, a consciência, por vezes, parece ficar em segundo plano – para além dos processos secundários – nesta forma de criação e de pesquisa. Nesta mesma linha de pensamento caminha Luis Cláudio de Mendonça Figueiredo (2002) em seu texto: *“A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível”*.

Desta forma, sustentada neste campo de “observação” – através da experiência clínica psicanalítica e empírica – é que se constrói esta pesquisa em psicanálise.

Ciente do risco de “destruir” uma história de amor, ou ainda, de retirar o encanto desta, propõe-se a percorrer os caminhos e descaminhos da paixão aqui retratada. Pois, como afirma Freud (1927) em “O Futuro de Uma Ilusão”: “A ciência é, afinal, a renúncia mais completa ao princípio de prazer de que é capaz nossa atividade mental” (p.171).

Ainda que apoiada em dados históricos da vida de um sujeito, a escrita deste texto tem o caráter de ficção, uma vez que os recortes feitos a partir do caso clínico tratam da dinâmica e da realidade psíquica presentes, em alguma medida, em todos nós.

Os relatos de caso do sujeito que se seguem em escrita itálica, ao longo dos três capítulos deste trabalho, foram propositalmente escritos em primeira pessoa na tentativa de ser mais fiel possível ao que Paulo havia confidenciado ao autor e, ao mesmo tempo, manter o caráter ficcional que se pretende, pois a história de Paulo é a história de muitos outros Paulos, Pedros, Marias e Josés...

CAPÍTULO I: O Encontro

"O destino toma, para cada um de nós, a forma de uma mulher (ou de várias)." Sigmund Freud.

“Era uma vez” um sujeito... E sua análise começa assim:

Minha mãe me dizia que sempre tivera o desejo de ser mãe, e que este era o seu maior sonho. Contou-me também que antes de mim perdera espontaneamente uma criança nos primeiros meses de gestação. Ela era bastante jovem e acabou por atribuir a perda desta criança à sua imaturidade e ao seu despreparo para ser mãe. Eu não me lembro de detalhes, mas acho que ela levou um tombo e acabou perdendo o bebê. Tempo depois cheguei. Pelo que me lembro, sempre fomos muito próximos. Ela me disse que mamei até perto dos dois anos e que nunca dormirmos longe, por mais que meu quatinho estivesse montado. Estranho pensar isto hoje, mas me lembro de ter um colchão no chão ao lado da cama de meus pais. Penso agora que talvez eles não tivessem mais nenhum contato sexual depois que nasci. Como poderiam ter se eu sempre estava lá? Mas eu acho que eles davam um jeito.

Minha mãe sempre foi muito carinhosa, uma mulher que sempre cuidou de todos à sua volta. Sempre prestativa e muito querida. Ela teve uma infância muito pobre, trabalhou desde muito cedo e chegou a passar fome com sua família. Era a segunda filha de uma família de muitos irmãos. Contudo, sempre fora a ovelha negra, bastante decidida e de opinião forte. Pelo que contam meus parentes, homem nenhum punha a cara com ela, se precisasse ela brigava mesmo! Ainda mais quando seus irmãos eram ameaçados de alguma maneira. É..., ela era muito forte. Tinha que ser mesmo, pois a vida não foi fácil para ela. Pelo que me contou, a vida mudou quando ela conheceu meu pai. Ele era mais velho, divorciado e tinha uma condição financeira privilegiada. Não me lembro de detalhes da história dos dois, nunca perguntei e nunca me contaram, só sei que se amaram muito, eu via isto nos olhos deles. Meu pai era apaixonado por ela. Tenho flashes de algumas cenas... Ele sempre a presenteava com flores, rosas vermelhas, e ela adorava. E não precisava ser nenhuma data comemorativa, ele gostava de surpreendê-la. Ele era um homem difícil, de temperamento forte, mas ela o fazia sorrir. A impressão que tenho é que ele não tinha conhecido o amor até encontrá-la, eles realmente pareciam muito felizes juntos.

Daí esta minha estranheza, como poderiam ter deixado de fazer amor depois que nasci? Acho que eles davam um jeito, só pode! Vejo por mim, quando estou apaixonado por alguém não consigo ficar longe. Enfim... Ela era uma mulher muito forte. Meu pai também,

mas de um jeito diferente. Sempre o respeitei, sua palavra era uma ordem para mim, não me lembro de ter apanhado quando criança, com ele bastava um olhar para eu saber que estava fazendo coisa errada, mas também nunca dei trabalho, sempre fui obediente. Ele não era muito carinhoso, poucas vezes brincamos juntos e me sentei em seu colo, não tenho muitas lembranças disto. Ele era muito inteligente, mas bastante reservado, quieto, de poucas palavras. Teve uma vida muito sofrida também, acho que a vida o endureceu demais. Minha mãe dizia que ela fez dele um homem melhor, faz sentido.

Meu pai era novo quando perdeu seus pais, tinha poucos amigos, mas verdadeiros amigos, como ele mesmo dizia. Era um homem muito trabalhador, honesto e muito respeitado, sua palavra valia muito. Curiosamente escuto as mesmas coisas sobre mim, apesar de não me lembrar desta lição. Acho que aprendi naturalmente com ele. Da minha mãe acho que herdei meu lado sentimental e romântico, choro em filmes e sou extremamente sensível à música. Em casa sempre havia música, os dois adoravam fazer quase tudo ouvindo, cantarolando ou assoviando alguma canção. Esta aí outra coisa que mexia com meu pai, a música. Lembro-me dos dois ensaiando alguns passos de dança enquanto cozinhavam. Lembro-me dele sorrindo para minha mãe e também me lembro de quando ele chorava ao ouvir algumas músicas antigas. Ele não era tão durão assim, eu também não sou, acho que faço tipo para me manter reservado e mais seguro, mas quando estou feliz viro uma criança... E quase sempre isto acontece quando estou apaixonado. Acho que tenho mais do meu pai em mim do que consigo me lembrar.

Meu pai era um homem muito bonito, minha mãe me conta que ele teve muitas mulheres, que tinha a mulher que quisesse ter, mas que isto mudou quando a conheceu, dizia sorrindo para disfarçar o ciúme. Ela era muito bonita também. Mas não vejo meu pai assim, um conquistador. Ele até pode ter sido, mas acho que ficou em paz quando se casou com minha mãe. Afinal ela era linda e ele não era bobo! Diz-se que cada um tem sua metade, não é? Eles devem ter se completado. Ele cuidava dela e ela o fazia feliz. E eu aqui, procurando a minha... Procurando não! Sofrendo por achar que tinha encontrado! Idiota! Curioso como as coisas acontecem na vida...

Às vezes me pego pensando em como me tornei quem sou. De onde vêm minhas características? Vejo muito dos meus pais em mim, muito! Mas não me lembro de ter visto, ouvido e escolhido nada! Simplesmente sou assim, não tenho meio termo, se amo, amo mesmo! Minha mãe dizia isto, que não se ama pela metade. Entrego-me e pulo de cabeça, mas isto é raro, até hoje acho que só amei assim uma só vez... Conheci algumas garotas, mas nenhuma me olhou daquele jeito, nenhuma. Como pode?!? Lembro-me de ver isto entre os

meus pais... Esta coisa do olhar, paixão mesmo! Amor à primeira vista... O jeito que eles se olhavam... Parecia algo mágico.

Desta parte do presente trabalho em diante, para manter a fluidez da leitura e sua cadência, o autor opta por se expressar em primeira pessoa e como narrador.

E, por falar em olhar, Paulo ainda se encontrava à minha frente nas sessões, quando pude enxergar tal magia em seus olhos quando falava da paixão, deste encantamento que o arrebatara, da mesma forma que a seus pais. E inevitavelmente falava de sua paixão, do fascínio que aquele olhar exercera sobre ele quando se questionava do porquê de ter sido ela dentre todas as outras mulheres que conhecera. Fascínio e captura, penso que tais palavras se aproximam daquilo que Paulo me contara. Dizia-se “durão” e reservado com relação às mulheres, mas, como num passe de mágica, se apaixonou à primeira vista. Por que ela? Questionava-se. De minha parte pensava que não havia nada de “errado” ou patológico que justificasse a escolha de Paulo por sua amada. As pessoas se apaixonam e, na maioria das vezes, não sabem explicar o motivo. Por que esta e não as outras? A mim ainda não havia nada de diferente ali.

Em “Um Tipo Especial De Escolha Feita Pelos Homens” (1910), Freud salienta o caráter de “normalidade” de tal escolha uma vez que, ao longo do tratamento analítico, as motivações e comportamentos amorosos são revelados e marcam não somente a maneira como os neuróticos se comportam frente ao amor, como também aqueles de saúde mental não comprometida, dita normal, ou aqueles de qualidades excepcionais. Ou seja, alguma escolha se fará, sempre. O trabalho analítico se constitui numa via privilegiada para desvendar as impressões – por meio de relatos de experiências vividas, sonhos e lembranças – inerentes ao processo que leva o sujeito a um tipo de escolha objetal, que se caracteriza como uma espécie de protótipo das relações amorosas posteriores, um modelo primeiro de amor, conforme veremos mais adiante.

A questão que se apresenta neste momento é a de que Paulo constituíra, de maneira muito bem definida, um tipo de escolha de objeto. Uma “série de condições necessárias ao amor”, nas palavras de Freud (1910, p. 172), deveriam se fazer presentes para que a escolha se desse. Ele me relatara a lembrança – que me soou claramente como uma fantasia e um desejo – de que seu nascimento teria causado um afastamento de seus pais, referindo-se à intimidade sexual do casal, já que sua cama ficava ao lado da cama dos pais, no mesmo quarto. Frequentemente me trazia a ideia de que seu pai não o amava tal como sua mãe; de uma forma evidentemente carinhosa e próxima. Dizia ter dúvidas quanto ao desejo de seu pai de ter um filho e que a fantasia de ter sido rejeitado por este já lhe ocorrera muitas vezes ao

longo da vida e, em especial, durante sua infância. Contava que, frente a qualquer pedido seu à sua mãe – passeios, brinquedos e quaisquer outros próprios à infância – seu pai lançava-lhe um olhar cheio de ódio e de reprovação. Paulo se referia a este sentimento como ódio mesmo, e não outra coisa: *Sinto que ele não me amava, apesar de cuidar muito bem de mim, de me dar sustento e educação, às vezes sinto que ele me odiava, aquele olhar era inconfundível e devastador. Minha mãe fazia o possível para satisfazer meus pedidos que, aliás, nem eram frequentes. Sim, o possível, já que ela não tinha seu próprio dinheiro e contava com uma quantia mensal que meu pai lhe destinava para gastos pessoais. Ela sempre dava um jeito, mas se dependesse somente dele acho que eu não teria nada. Acho que ele me odiava quando me via pedindo coisas que ele mesmo não pôde ter em sua infância pobre e sofrida. Inveja... Acho que era isso.*

Paulo nutria, diferentemente de um amor, um sentimento de respeito muito grande por seu pai. Tão grande que beirava o medo. Quando falava desse homem sempre frisava a imagem de alguém a quem se deve respeito. Contudo, a estreita relação que mantinha com sua mãe parecia estar na direção oposta a este afeto, pois os dois – Paulo e ela – sustentavam um vínculo no qual a palavra do pai – o não a seus pedidos, por exemplo – perdia sua validade, seu peso e seu valor. Mãe e filho pareciam agir às escondidas e Paulo, numa mistura de vergonha e de triunfo, não raramente relatava suas peripécias e conquistas – pedidos concedidos, tais como brinquedos, passeios e guloseimas – obtidas à custa deste conluio, ainda que com um sentimento de culpa bastante presente em sua fala. *Distante e muito presente, assim é meu pai*, dizia de forma carinhosa.

Que a ideia de um conluio, mencionada acima, não deixe margem para que se pense que Paulo não sabia de seu lugar nesta relação triangular. Seu pai era para ele, de longe, o “dono” daquela mulher, ainda que por vezes tenha sido “traído” quando dos mimos cedidos a Paulo por sua mãe. Essa mulher não era dele e a ideia e o desejo de “tê-la” implicaria numa terceira pessoa prejudicada: seu pai. Freud (1910), a partir de casos clínicos, reúne e caracteriza quatro tipos complementares de escolha de objeto feita pelos homens, dos quais três serão aqui abordados. O primeiro tipo exigiria a precondição de que a mulher desejada teria de pertencer a outro homem. Este tipo específico de escolha de objeto amoroso demanda a condição de que a mulher seja comprometida com outro homem – namorado, noivo ou marido – que possa exigir seus direitos sobre ela. Já a mulher solteira, livre e desimpedida não seria alvo de interesse e de desejo e frequentemente não seria objeto de tal escolha amorosa, podendo até mesmo ser rejeitada e ignorada.

No caso de Paulo, em virtude da forte identificação com seu pai, uma mulher capaz de fazer este homem feliz é uma mulher digna de admiração, interesse e desejo. A mulher que falava aos quatro ventos que havia sido – e que fora – a responsável pelo sorriso estampado no rosto daquele homem rígido e temido teria de ser uma mulher muito especial... Tão especial que, se fora a escolhida de seu pai, poderia muito bem ser a sua também. *Ah... Aquele olhar*, dizia enquanto eu me perguntava se estava falando do olhar de sua mãe ou de sua (outra) amada, se é que eram distintos. Contudo, sua mãe, esta mulher de olhar cativante que fascinara seu pai, mantinha com Paulo um vínculo que, por vezes, o incomodava. *Eu não entendia porquê de ele não sair com minha mãe e eu. Às vezes penso que ele simplesmente não podia, ou não queria, mas também já cheguei a pensar que era minha mãe que fazia isto às escondidas. E, por mais divertido que fossem os passeios aos shoppings ou outros lugares, eu não me sentia muito bem com aquilo.* Tais lembranças remetiam Paulo aos seus anos de pré-adolescência, mas conta que sempre fora assim. *Minha mãe me dizia que eu era seu melhor amigo e que podíamos contar tudo um ao outro.* Nutria por ela um sentimento de posse, um ciúme próprio de qualquer criança que fora desejada por sua mãe. Qualquer homem, em qualquer situação mais inocente que fosse lhe causava ciúme. Contudo, afirmava não sentir nada com relação a seu pai, afinal de contas, sua mãe “era a mulher dele”.

Ainda que tais apontamentos revelem claramente uma relação triangular entre Paulo e seus pais, que poderia conduzir a uma discussão de caráter edípico, a deixaremos para o capítulo seguinte. Por ora, serão tratadas as precondições para a construção de um tipo de escolha de objeto por parte de Paulo, ainda que a trama edípica já estivesse há muito montada.

O segundo tipo de escolha objetal, ainda que possa se dar de forma independente, frequentemente ocorre junto ao primeiro tipo (no qual a mulher desejada deve pertencer a outro homem) e consistiria na precondição de que a mulher desejada tivesse sua reputação moral e sexual questionadas, bem como sua fidelidade e integridade. Já que uma mulher fiel, pura e de reputação inquestionável não se configuraria num objeto atraente, portanto não desejável. No caso de Paulo parece haver uma cena pré-montada, uma vez que a mulher de seu pai saía com ele às escondidas. Uma mulher de olhar cativante preterindo o marido ao filho para se divertirem juntos. Uma sedução parece estar posta. Segundo Freud, “Esta última característica pode variar dentro de limites substanciais, do leve murmúrio de escândalo a respeito de uma mulher casada que não seja avessa a namoricos, até o modo de vida francamente promíscuo de uma cocotte ou uma profissional na arte do amor; mas os homens que pertencem ao tipo que descrevemos não ficarão satisfeitos sem algo desta espécie. Pode-

se designar esta a segunda condição necessária, de maneira um tanto crua, ‘amor à prostituta’ (1910, p. 172).

Quando tentava reconstruir a história de amor de seus pais, talvez na ânsia de encontrar ou construir um paralelo à sua própria, algo sempre lhe escapara à lembrança. E Paulo, por algumas vezes, levando em conta a idade e a condição econômica de sua mãe quando do encontro com seu pai, trazia recorrentemente a fantasia de que ela poderia ter sido uma prostituta e que seu pai a “salvará” de tal condição, dando-lhe uma vida confortável e segura. Os passeios a dois – Paulo e sua mãe – enquanto seu pai trabalhava ou simplesmente enquanto optara por se ausentar poderiam colocar em dúvida a fidelidade desta mulher com relação ao seu pai, no sentido de que ela o estaria traindo com ele. Em raras situações Paulo questionava a fidelidade de sua mãe, alegando tratar-se de uma linda mulher e bem mais jovem que seu pai. *Já pensei nisto... Talvez minha mãe tenha se casado com ele apenas por dinheiro.*

Ainda que, a fantasia de que sua mãe pudesse ter sido uma prostituta se oponha ferozmente à imagem quase imaculada de uma mãe carinhosa e devotada que lhe amara de forma tão intensa, tal contraste se faz perfeitamente possível quando retirado da lógica consciente. Freud (1910) considera que aquilo que aparece dividido na consciência de adulto enquanto pensamentos opostos – a ideia de que a mãe possa se assemelhar a uma prostituta e a imagem imaculada e moralmente inabalável dessa mesma mulher – pode muito bem ocorrer no inconsciente enquanto unidade, por mais inadmissível, ofensivo e atormentador que tal fantasia possa ser.

Retornando agora ao tempo em que Paulo afirma ter dormido no quarto de seus pais, não pareceria nenhuma surpresa que tivesse fantasiado, presenciado ou até mesmo percebido de alguma maneira algo que denunciasses a relação sexual entre seus pais. Há uma época na vida da criança em que mais ou menos descobre o que se passa numa relação sexual entre adultos, e isto se dá nos anos próximos à puberdade, tempo em que Paulo ainda dormia no quarto de seus pais. Tudo aquilo que anteriormente na fase latente de seu desenvolvimento poderia causar asco, desprezo e rebeldia, agora ganha o status de descoberta, de acesso ao prazer sexual tal como os adultos têm. Descoberta esta que faz com que o púbere passe a questionar a autoridade adulta, uma vez que os adultos realizam o que ele ainda mantém apenas na fantasia. O que mais incomoda não é somente o fato de que apenas os adultos têm relação sexual, mas a ideia – e a constatação – de que seus pais, enquanto adultos, também têm. Tal como no relato de Paulo citado anteriormente: *Estranho pensar isto hoje, mas me lembro de ter um colchão no chão ao lado da cama de meus pais. Penso agora que talvez eles*

não tivessem mais nenhum contato sexual depois que nasci. Como poderiam ter se eu sempre estava lá? Mas eu acho que eles davam um jeito.

A descoberta de que a própria mãe mantém relações sexuais com outro homem – ainda que seja seu “dono” legítimo – que não ele, traz consigo para o sujeito em desenvolvimento o conhecimento de que algumas mulheres, além da sua própria mãe, praticam atos sexuais que anteriormente foram considerados repulsivos e desprezíveis. Contudo, há em tal constatação uma mescla de horror e desejo, uma vez que uma dessas mulheres poderia muito bem auxiliá-lo em sua iniciação sexual. Assim, não haveria, afinal de contas, uma diferença tão radical entre as mulheres que praticam sexo com outros homens – as prostitutas – e sua mãe, visto que todas fazem a mesma coisa. Esta novidade, afirma Freud (1910), desperta no sujeito traços, fantasias e desejos oriundos de sua tenra infância, o que culmina na reativação do Complexo de Édipo, como se perguntasse a si mesmo: *Por que não a minha mãe?* O segundo tempo edipiano traz à tona uma antiga contenda: disputar com o pai o amor desta mulher.

Por mais que Paulo não tivesse relatado anteriormente nada que pudesse denunciar uma rivalidade com seu pai quando da vivência de sua fase fálica, os sentimentos de posse e de ciúmes com relação à sua mãe ganham espaço uma vez mais. Ainda que o “dono” legítimo de sua mãe não oferecesse nenhuma espécie de “resistência”. Seria, talvez, pelo fato de não estar mais apaixonado por ela? Talvez por ter se sentido rejeitado por ela? Ou ainda, trocado por seu filho? Paulo não alimentara tal desejo, muito pelo contrário. A puberdade faz com que aquela intimidade que marcara por anos a relação entre ele e sua mãe cedesse lugar a um distanciamento notável. Paulo se recolhera às leituras e ao estudo da música, certamente uma defesa que despertara a indignação de sua mãe. Paulo relatava: “Minha mãe sempre me cobrou isto. Diz que eu mudei demais e deixei de ser aquele companheiro que ela tinha.” Talvez o caminho estivesse demasiado livre para Paulo. Por mais tentadora que fosse a possibilidade, “trair” seu pai não era uma opção, ainda que pudesse se sentir traído já que sua mãe concedera ao seu pai o privilégio do sexo, e não a ele. O desejo incestuoso e a sede de vingança parecem não ter sido forte o suficiente para vencer o Supereu e o amor ao pai.

Um terceiro tipo de escolha objetal, derivado das precondições citadas acima, também se faz presente. Uma mulher que pertence a outro, com reputação sexual questionável e que se assemelhasse a uma prostituta, é uma mulher que provocaria ciúme, e isto constituiria tal tipo. Anteriormente fora mencionado que Paulo nutria um forte sentimento de ciúme por sua mãe, com exceção de quando essa se encontrava na presença de seu pai, o legítimo dono desta mulher. E nesta situação triangular, quando próximo a seu pai, Paulo parecia à vontade. Os possíveis motivos para tal “segurança” serão tratados posteriormente.

Há ainda um quarto tipo de escolha, complementar aos três anteriores. A escolha por uma mulher que precisasse ser salva. Ainda que seu pai já tivesse respondido a tal incumbência com relação à sua mãe, Paulo, identificado com este salvador, exercia tal papel na ausência do dono legítimo desta mulher e, posteriormente, parece ter feito o mesmo junto às suas outras mulheres. Uma combinação perigosa de ingredientes... Contudo, tal “série de condições necessárias ao amor” se faz presente em toda e qualquer escolha amorosa que se faça, normal ou patológica, e decorrem de uma mesma fonte. A construção de uma escolha objetual e a forma com que as pessoas se comportam numa relação amorosa têm sua origem psíquica fixada nos sentimentos de ternura nutridos e vivenciados com a mãe durante a infância.

Para Freud (1910) haveria de maneira inconfundível, no amor dito normal, para além das características do protótipo materno de escolha de objeto, um deslocamento mais rápido da libido investida na mãe, de modo que o sujeito estaria “livre” para escolher e investir outros objetos, ainda que derivados deste primeiro. Contudo, o tipo descrito aqui aponta para a impossibilidade de a libido se desvincular do objeto primeiro, de modo que tal escolha ultrapassaria a infância e permaneceria de forma quase intacta após a puberdade. Assim, os traços originais maternos parecem ser reimpressos em cada novo objeto e a cada nova escolha, numa espécie de (re) produção em série do mesmo.

A ideia da mãe enquanto protótipo de amor dificilmente poderá ser refutada, já que não se tem duas ou mais mães, assim como as experiências vividas pela criança nesta relação não podem ser reproduzidas, ainda que em muitos casos a tentativa de reproduzi-las se faça evidente, como no caso de Paulo. Se há somente uma mãe, só poderá haver uma única e insubstituível mulher para amar, mas aquela mulher já tinha “dono”. Para além da proibição havia o respeito e o amor por seu pai, e a renúncia a este objeto de amor parecia inevitável. No entanto, este processo não se daria de forma breve e indolor. Uma escolha objetual já havia sido feita e deixara marcas que viriam influenciar todas as demais ao longo da jovem vida de Paulo, conforme veremos posteriormente.

Com a adolescência, Paulo deixara de ser parte de um par fundamental. O fato de ser o filho sonhado e desejado de sua mãe o tornou, em grande parte, responsável não somente pela felicidade desta mulher como pela felicidade do par. Torná-la feliz havia sido sua missão e sua razão de viver. Durante sua análise trouxera algumas passagens em que esta demanda claramente se apresentou: *Vejo que meus pais não são felizes como eram antigamente. Aliás, me pergunto o que ainda fazem juntos. Não os vejo sorrir, cantar, beber e dançar juntos. Isto parece tão distante agora. E me culpei durante alguns anos por ter me distanciado dela, sinto*

que a deixei sozinha. Sei que meu pai está lá, mas me sinto responsável por ela. Penso que de alguma forma toda aquela amizade que tínhamos lhe fazia bem. Estranho pensar isto... Tenho minha vida, mas às vezes me pego pensando que poderia ter ficado mais ao lado dela, como fazíamos quando eu era criança, passear, rir... Mas eu cresci e acho que ela não aceitou muito bem isto, até hoje me chama pelo mesmo apelido que tinha quando menino e faz questão de dizer que filho é assim mesmo, nunca cresce aos olhos da mãe. Fazer uma mulher feliz para sentir-se feliz. Amar para ser amado. Aí estava sua missão e seu desejo.

A ideia de uma escolha objetal marca, para Freud em “A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação À Teoria Da Sexualidade” (1923), uma característica própria da puberdade. Contudo, conforme pudemos observar até o momento, este estudo de caso, nos remete aos primeiros anos da infância, quando os impulsos sexuais passaram a ser dirigidos a uma única pessoa em relação à qual se busca satisfação: ser feliz, fazendo a mãe feliz, amar a mãe para ser amado. Tornar-se responsável pela felicidade deste par. De forma hipotética, penso que tamanho desejo de sua mãe por um filho por fim aprisionara Paulo em seu desejo. Desse modo, responder aos anseios dela era a sua própria noção de felicidade e, por que não, de amor. Tal padrão ou modelo que marca esta escolha, – e esta relação objetal – originada na infância, atravessa a puberdade sob a primazia dos genitais, constituindo assim a vida sexual adulta.

Paulo se mostrava bastante fálico nos diferentes aspectos de sua vida. Sempre fora muito bem sucedido naquilo que empreendera: trabalho, estudos, entre outras atividades. Mas aquilo do que mais se orgulhava eram as “suas” mulheres. Apesar de poucas, afirmava ter conquistado as mulheres que desejou: *Sempre fui romântico, mandei flores, levei-as para jantar a luz de velas, sou muito carinhoso, apesar da minha casca meio dura... E o que me dá mais prazer é saber que estou dando prazer a elas. E isto está no olhar. No sexo isto é muito claro para mim e faço porque adoro fazer tudo isto. Sinto-me feliz de verdade, não faço de conta, não faço por fazer. Se não quero não faço, mas quando me proponho a fazer, faço muito bem feito.*

A incumbência assumida por Paulo pela felicidade de sua mãe, não somente representa um fardo, mas também algo que responde a seu próprio desejo de fazer uma mulher feliz, seja como for e a qualquer custo. A ideia apresentada há pouco, sobre Paulo ser um sujeito bastante fálico, pode ter sua origem em tal desejo. Fazer uma mulher feliz é, como parece sempre ter sido, algo extremamente prazeroso quando do sucesso de tal empreitada. Contudo, este poder está totalmente condicionado ao desejo da mulher em questão. Só há poder se houver satisfação do desejo do outro! Fazer-se fálico pelo outro. Ser o falo do outro,

da mulher, da mãe. Ainda que o sujeito aqui em questão seja Paulo e não sua mãe, pode-se inferir a partir do que até então fora relatado, que Paulo era o próprio falo de sua mãe. Ser para ela o que lhe faltara para ser feliz.

Segundo Freud (1923), a escolha de um objeto por parte da criança não responde unicamente ao que será o seu correspondente na vida sexual adulta, uma vez que, mesmo tendo realizado uma combinação harmônica dos instintos parciais sob a primazia dos genitais ao final do desenvolvimento infantil, o interesse nos órgãos genitais assume uma importância dominante, o que não se apresenta na dita maturidade. A organização genital infantil marca, assim, sua diferença com relação à organização final do adulto. Na primeira, o que está em jogo, para o menino e para a menina, não são os órgãos genitais, seja o masculino, seja o feminino, mas apenas um, o masculino. Assim, o que se faz presente na organização sexual infantil não é a organização dos instintos parciais sob a primazia dos genitais, mas sob a primazia do falo. A hipótese de que Paulo teria sido – e continuaria sendo – o falo para sua mãe responde não somente à sua própria organização sexual infantil, como também à hipótese de como tal essa organização teria ocorrido com sua mãe. Teria Paulo vindo a responder e a preencher uma lacuna na vida de sua mãe, cujo maior sonho – e desejo – era ter um filho?

Sabe-se que na fantasia do menino a falta de um pênis na mulher é resultado de uma castração ocorrida na infância, como uma punição, ainda que tal descoberta e generalização não se deem de forma rápida por parte das crianças. Inicialmente, as crianças creem que apenas as mulheres desprezíveis são castradas, já que foram punidas. Contudo, as mulheres a quem as crianças amam e respeitam conservam o pênis por mais tempo, de modo que ser mulher ainda não implica ser castrada. Posteriormente, quando as questões relativas ao nascimento e a origem tomam o interesse das crianças é que se darão conta de que as mulheres, uma vez que dão à luz aos bebês, efetivamente não têm pênis e, com isto, a ideia da troca de um pênis que não se tem por um filho que se pode vir a ter surge. Deste modo, os órgãos genitais femininos parecem nunca ter sido revelados, a ponto de haver por parte da criança a fantasia de que o bebê seja gerado no corpo de sua mãe, mais especificamente em seus intestinos e que venha ao mundo através do ânus. De qualquer forma, Paulo parece ter sido a compensação pelo pênis que fora negado a sua mãe.

Fazer-se fálico, ser o falo de/para sua mãe, parece constituir, para além da escolha de um objeto, um protótipo de relação objetual, uma vez que há um objeto (mãe) e um sujeito (Paulo) envolvidos nesta trama. Mãe e filho... Mulher e homem... Castrada e não castrado. A ideia de polaridades com relação ao sexo surge como uma primeira antítese a partir da escolha objetual. A noção de masculino e feminino ainda não se faz presente, o que está em jogo nesta

fase da organização pré-genital – sádico-anal – é a antítese entre atividade e passividade. Na fase seguinte, o que há é apenas o masculino, uma vez que o universo aos olhos da criança se divide em duas categorias: aqueles que têm pênis (masculino) e aqueles que não têm (castrados). Somente na fase seguinte é que se fará uma diferenciação da ordem do masculino e feminino, o que coincidirá com a puberdade.

Assim, como afirma Freud, “(...) A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero” (p. 161, 1923). Esta afirmação parece trazer luz à trama existente entre Paulo e sua mãe, especialmente no que, para ele, constituiu-se o ser homem. Ser homem é conquistar e fazer as mulheres felizes e colocar-se no lugar da falta, sendo o falo delas e para elas. Ser amado é estar neste lugar.

Tais qualidades do ser homem se faziam evidentes também em seu pai. Paulo acabara por descobrir que havia mais desse homem em si do que pudera supor anteriormente à sua análise. Fortíssima era sua identificação com esse pai com quem aprendera a ser homem. Ainda que a relação entre eles não fosse tão estreita em comparação ao que tinha com sua mãe, seu pai sempre fora um exemplo, um modelo, um ideal de homem a ser seguido. Paulo não raramente tecia comparações entre a relação de seu pai com sua mãe e a si próprio com suas poucas mulheres. Galanteador, sedutor, carinhoso, atencioso e um “grande amante”, sensível aos desejos e necessidades de sua amada. Assim seu pai era frequentemente descrito por sua mãe em ocasiões em que a história do casal era tema de alguma conversa. *Minha mãe dizia que, dentre os poucos homens que teve na vida, meu pai foi o melhor em vários aspectos, mas que na intimidade ele se superava a cada dia, o que, para ela, era algo fundamental em qualquer relação entre homem e mulher.*

Ainda que “distante”, para sua surpresa, seu pai estava mais próximo do que imaginara. Freud (1931) em “Tipos Libidinais” elenca três categorias principais (erótico, narcísico e obsessivo) e mais três derivadas (erótico-obsessivo, erótico-narcísico e narcísico-obsessivo) que definem o ser humano quando de seu investimento libidinal em algum objeto. Paulo e seu pai parecem ter como principal interesse e investimento libidinal o amor e, mais ainda e acima de tudo, o ser amado. Tipos libidinais eróticos são marcados por esta busca e, frequentemente, são dominados pelo medo da perda do amor, o que os coloca numa posição de dependência em relação ao seu objeto de amor. Tal como um bebê é dependente de sua mãe. Isto poderia justificar o caráter ativo – e fálico? – assumido por Paulo no que se refere à conquista do objeto amado. Conquistar a mulher amada a cada dia, por anos a fio, seria uma

tentativa de manter o objeto de amor próximo a si, afastando assim o risco do abandono e da perda do amor por parte deste. Ser fálico para ser amado! Responder ao desejo da mulher amada para ser amado. Esta parece ser a “fórmula” do amor para Paulo e para seu pai.

Aquele olhar, dizia Paulo referindo-se à sua amada. O mesmo olhar que vira em sua mãe e que arrebatara seu pai no passado. Não bastava amar para ser amado, era necessário que o objeto amado apresentasse certos traços, certas características há muito impressas na história de Paulo. Suas mulheres tinham algo em comum, para além daquele olhar havia o formato da boca, a espessura generosa dos lábios, os cabelos lisos e compridos e o tom claro da pele. Tais atributos o remetiam à sua mãe e isto era sabido e dito por Paulo sem o menos pudor. Sempre fora bastante meticuloso e exigente em suas escolhas, como se nenhuma mulher estivesse à altura daquela mulher idealizada, e isto o mantinha ligado ao seu objeto de desejo original. Segundo seus cálculos, demorou muito a experimentar o primeiro beijo, pois somente aos treze anos teve seu primeiro contato com uma garota mais velha por apenas uma noite. Após este episódio, conta que passaram-se quatro anos até que beijasse outra garota novamente, já que sempre elas tinham algum “defeito” que as desqualificava frente ao seu “padrão” de beleza. Ora eram gordas ou magras demais, ora eram muito expansivas ou muito recatadas. De qualquer modo, Paulo parecia resistir em abrir mão daquela mulher, e seus vários traços se faziam presentes a cada nova paixão. O que sempre fora digno de atenção em seus relatos, embora bastante frequente em qualquer outro sobre os estados passionais, é o fato de que para existir uma paixão deveria existir um algo a mais, certa qualidade ou traço para que a mulher pudesse se tornar desejada e, posteriormente, amada. A mulher digna do amor de um homem fálico deveria, ela mesma, ser fálica. *As mulheres fáceis nunca me chamaram a atenção, para que eu me apaixone elas têm que ser difíceis. Gosto disto, deste jogo da conquista, me sinto mais homem quando finalmente as conquisto.* Difícil? Talvez Paulo se referisse a uma mulher impossível! Pois a única dotada de todos os atributos elencados por ele para se tornar digna de seu amor já tinha dono; sua mãe, mulher de seu pai.

A escolha por uma mulher fálica deriva, no caso de Paulo, da escolha da mãe fálica como objeto de amor. Conforme o que foi dito há pouco, nas páginas 33 e 34, a organização genital infantil acaba por não revelar o órgão genital feminino à criança, de modo que a mulher permaneceria como sendo castrada até que a criança atingisse e fosse atingida pela puberdade. Freud (1927) em “Fetichismo” enuncia que “o fetiche é um substituto para o pênis, mas que este não é o substituto para um pênis qualquer e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido” (p. 155). Desta forma, o fetiche surge como uma forma de ludibriar a perda, de

preservar a extinção do objeto que deveria ter sido abandonado, como uma espécie de souvenir. Um “pedaço” do que fora a mãe de Paulo deveria ser (re) encontrado em suas futuras mulheres para que se tornassem interessantes e dignas de sua devoção. “(...) o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar” afirma Freud (p. 155). O que houve por parte da criança fora uma recusa com relação ao fato de que a mulher/mãe não tem pênis. Como se pudesse dizer algo semelhante a: ”Se minha mãe perdeu seu pênis, eu também posso perder o meu”.

Portanto, manter o pênis da mãe responde a uma demanda narcísica de manter o seu próprio. (Re) encontrar uma mulher fálica para ser, para ela, um falo novamente. Somente uma mulher fálica poderia abrigá-lo enquanto seu falo, e restituir seu lugar junto ao objeto original: sua mãe. A ideia acima de que as crianças rejeitam o fato de a mãe – e posteriormente as mulheres – não ser castrada não advém de uma não percepção, mas de um compromisso resultante do encontro de tal percepção com a força de um desejo: o de manter o pênis da mãe e o seu próprio. Num primeiro momento, a mulher teve um pênis, agora modificado e substituído por outra coisa que herda, por assim dizer, o interesse e o status de seu antecessor. Contudo, o substituto do pênis carrega, para além da herança, o horror oriundo da fantasia de castração que fora responsável, em primeira instância, pela sua criação, o que lhe garante um lugar de extraordinário interesse na vida do sujeito.

Não afirmo aqui que Paulo era um fetichista a rigor. No entanto, o conceito de fetiche parece explicar o motivo da existência de um interesse e desejo por um “pedaço” da mulher original que viria a ser reeditado e reencontrado em todas as outras que tomariam lugar como substitutas na fantasia de Paulo. Aquele olhar parece carregar toda a força anteriormente destinada ao falo da mãe de sua mãe. Aquele olhar parecia arrebatá-lo e aprisionar o interesse e o desejo de Paulo. À primeira vista! Assim se referia às suas poucas, mas inesquecíveis paixões. Digno de nota é o fato de que o falo ausente da mulher não é substituído, quando da construção de um fetiche, por qualquer outro símbolo que lembre um pênis. Como ocorre no caso de Paulo, no qual o falo parece ter sido substituído por aquele olhar, como poderia muito bem ter sido substituído pela boca, pelo sorriso, ou por qualquer “pedaço” ou traço do objeto original de desejo.

Por fim, mas longe de esgotar o tema, o fetiche mantém a ideia do sucesso obtido contra a ameaça da castração, e, ao mesmo tempo, o protege contra essa ameaça. Em tempo: o fetiche, afirma Freud, também salvaria o fetichista da homossexualidade, uma vez que

manteria na mulher o pênis que a tornaria tão desejada, logo, desejar uma mulher dotada de um pênis não seria o mesmo que desejar um homem.

Importante é mencionar ainda, o fato de que Paulo, não somente desejava e devotava seu amor às mulheres fálicas, como também, uma vez na relação com elas, frequente e incansavelmente tentava destituí-las do poder que originalmente lhes era atribuído: ele queria castrá-las. Conquistar, amar e ser amado por uma mulher fálica parecia ser o meio para finalmente castrá-la. Submeter a mulher às suas exigências ou impor-lhe as suas exigências constituía uma espécie de vingança pela devoção que lhes destinara anteriormente. Dizia de forma inicialmente carinhosa o que dela esperava com relação à postura, a comportamentos. Era este, enfim, o modo de Paulo aproximar sua mulher de seu ideal de mulher, da mulher fálica, porém com o intuito de dominá-la, de destituí-la do falo, do poder que o subjugava. Fazer-se fálico sobre a mulher fálica. Tornar-se homem?

Reverenciar o fetiche e aquela que fora alvo dele não parecia ser o bastante, era necessário submetê-la a seu próprio falo, a seu poder. Freud assinala que a reverência feita em relação ao fetiche não é tudo. Em muitos casos o sujeito em questão vê no fetiche a própria representação da castração. Isso se deve ao fato de que entre o sujeito e seu pai teria havido uma forte identificação, de modo que o primeiro desempenharia a posteriori o papel que fora atribuído a esse último: o de ter castrado a mulher. Nítida era a imagem do quão sedutora sua mãe era, e do quão fálica era, não somente em relação a Paulo, mas especialmente em relação a seu pai, ainda que esse tivesse sido um homem forte e viril. Mas talvez o tivesse sido em função desta mulher. Paulo repetia assim os passos de seu pai no que se refere à conquista e à castração da mulher fálica que era, ao mesmo tempo, alvo de seu desejo, amor e devoção e também de sua hostilidade. Talvez daí derive a ideia de intensidade à qual Paulo se referia enquanto condição *sine qua non* às suas paixões. O amor e o ódio, a submissão e a dominação, a passividade e a atividade eram ingredientes indispensáveis às suas relações.

Deste modo, a afeição e a hostilidade, no que se refere ao fetiche, parecem andar de mãos dadas, como duas faces de uma mesma moeda, uma vez que servem tanto à rejeição como ao reconhecimento da castração. Dito de outro modo, Paulo tomara para si uma dupla e incompatível tarefa: a de rejeitar sua própria castração e a de executar a castração de sua mulher. De fato, encontrar o amor de sua vida parecia ser algo da ordem do impossível. Contudo, enquanto Paulo se encontrava de posse de seu objeto de amor e, ao mesmo tempo, possuído por ele, não apresentava quase nenhum sinal de angústia, ao contrário, mostrava em seus relatos o quanto estava plenamente feliz, satisfeito, e o quanto o fetiche lhe assegurava uma vida sexual invejável.

Segundo Freud, esta parece ser uma evidência bastante frequente nos homens cuja escolha objetal é dominada por um fetiche, de modo que esse se faça presente na análise como uma descoberta subsidiária, o que não fora diferente na análise de Paulo.

Então, o que restara a Paulo era (re) encontrar sua própria amada.

CAPÍTULO II: O (re) encontro: Eu e aquilo que já fora eu mesmo

“Se insistem para que eu diga por que eu o amava, sinto que isso só pode exprimir-se respondendo: Porque era ele; porque era eu.” Montaigne.

Sempre fui muito exigente e seletivo em relação às meninas. Dentre as meninas e mulheres que passaram por sua vida, Paulo veemente afirmava que não tivera, até aquele momento, encontrado mulher nenhuma capaz de despertar tal paixão. Ao longo de sua adolescência parecia sempre encontrar defeito nas meninas que dele se aproximavam. Eu sempre encontrava pelos em ovos, meus amigos ficavam inconformados e diziam que jamais a menina seria perfeita para mim. A resistência em entrar em contato com sua genitalidade, no que se refere ao encontro com o outro, era nítida. Paulo simplesmente se recusava a beijar ou a estar com alguém que não tivesse certos atributos: como aquela olhar.

Seu primeiro beijo se deu aos doze anos: Nem foi beijo, foi o que hoje chamamos de selinho, ela era linda, sempre gostei dela, desde o jardim de infância estudamos juntos, mas eu nunca disse nada e sempre tive medo de me declarar a ela, coisa de criança, se fosse hoje seria diferente. Só sei que aquele beijinho me assustou, eu não sabia o que fazer. Nunca mais nos falamos e hoje ela está casada com um menino que estudava conosco. Fui trouxa, sei disso, disse sorrindo.

Não sei se aquilo foi paixão, do jeito que entendo a coisa atualmente. Aliás, gostei de algumas poucas meninas, mas quase nunca fiquei com elas. Parecia ser algo proibido para mim, eu achava que levaria o fora, que elas eram “demais” para mim e que de nada adiantaria ficar investindo nelas. Eu não tinha confiança alguma no meu taco, acho que era isto. Elas me olhavam, nos falávamos na sala de aula, nos corredores e nas festinhas de colegial, mas eu nunca me aproximei de nenhuma delas. Como eu era bobo! Meu primeiro beijo de verdade foi com uma menina mais velha. Ela veio até mim e acabamos ficando juntos, eu meio assustado aprendi a beijar ali. Ela tinha dezenove e eu treze. Todos os meus amigos, ou quase todos, já haviam beijado e muito mais, mas o idiota aqui não! Ficava escolhendo demais e perdia chances que não voltavam mais. Quando eu tomava coragem de falar com a menina já sabendo que ela gostava de mim, ela estava a fim de outro, já tinha perdido o “timing” e o tempo já tinha passado. Aí eu ficava na mesma, sozinho. E tem mais, nunca gostei de menina atirada, de menina fácil. Eu gostava das quietinhas, das que não davam bola para ninguém, essas tinham valor. E mesmo assim, quando eu as via com alguém

era como se tivessem tornado-se desinteressantes. Biscates, eu dizia, me sentindo orgulhoso por não ter me declarado a alguém que não merecia meu amor. Quanta besteira, não é?

As meninas de Paulo pareciam inatingíveis, pois quando estavam sozinhas era ele que não se aproximava, e quando estavam acompanhadas era ele que se distanciava. Estar com alguém soava como algo quase impossível. Somente aos dezoito anos de idade, cinco anos após seu primeiro beijo, é que esteve novamente com uma garota com quem vivenciou sua primeira relação sexual. Contraditoriamente a tudo que apregoava, sua primeira noite de sexo não aconteceu com uma menina por quem estava apaixonado, foi algo casual que só tomara lugar em virtude da iniciativa dela: *Eu não estava querendo ficar com ninguém naquele dia, estava em um bar com amigos e ela simplesmente chegou puxando conversa, quando me dei contas já estávamos nos beijando. Para transar foi um minuto, foi na casa dela. Até hoje não sei como aquilo aconteceu direito. Ela não era bonita, não era atraente, mas era fácil. Disto eu me lembro, a fama dela não era das melhores. Mas fazer o quê? Se não tivesse sido assim eu teria levado mais alguns anos para criar coragem. Apesar de tudo eu acho que me saí bem na coisa toda, não tive ejaculação precoce e nada disso que costuma acontecer na primeira relação. Devo ter me saído muito bem, pois ela ficou atrás de mim por um bom tempo. Eu nunca mais saí com ela.*

Logo veio a faculdade, em seguida vieram as festas, as meninas e, com elas, as possibilidades de transar de novo. Mas sempre fiquei na minha, esperava uma chance clara de aproximação, eu não me arriscava. Curioso, não é? O fato de ser tímido parecia atrair a mulherada. Vá entender! Nunca, até então, me achei bonito, mas ali a coisa mudou. A mulherada caía em cima mesmo! E diferentemente da minha reação quando mais novo, agora eu encarava. Tive algumas relações sexuais sem significado algum, eu simplesmente transava porque tinha vontade, mas é muito estranho isto, quando eu transava com alguém era como se esta mulher não tivesse mais valor por ter sido fácil demais. Eu acho que, além de ser muito machista e preconceituoso, o fato de elas quererem ficar comigo era incômodo para mim. Não sei o que acontecia. Era como se eu estivesse fechado emocionalmente à espera da princesinha, da mulher perfeita.

Paulo não poderia estar com outra mulher. Aquele olhar que o encantara - e o aprisionara - parecia anular qualquer possibilidade de estar com uma mulher. Seu desejo de encontrar alguém dotado de tal atributo o distanciava da possibilidade de esse mesmo encontro acontecer. Encontrar aquela mulher com *aquele* olhar. O fetiche construído em sua infância, cujo representante era “aquele olhar”, o mantinha refém de seu próprio desejo e o afastava da possibilidade de um encontro mediado pela realidade. Paulo estava só, mas não

solitário, pois o fetiche o acompanhava. Inevitável é o fato e a constatação de que Paulo fora encantado e aprisionado pelo desejo da mãe, a primeira mulher da sua vida, seu primeiro amor, o protótipo daquele olhar, daquele "pedaço" de corpo que o remetia ao seu objeto de desejo original.

Como visto anteriormente, o fetiche cumpre uma dupla função: mantém a ideia do sucesso obtido contra a ameaça da castração e, ao mesmo tempo, o protege contra ela. Contudo, o fetiche não assegura de maneira alguma o atravessamento e a elaboração da angústia de castração oriunda do complexo de Édipo. Ao contrário, caso o ego não tenha êxito frente à dissolução do complexo de Édipo, apenas recalcando-o, este permanecerá no Id em estado inconsciente e deverá, posteriormente, manifestar sua ação patogênica, o que corresponderia ao desejo de preservar os laços libidinais infantis e, portanto, incestuosos. Assim, o fetiche parece driblar a castração, ainda que por um tempo e à custa de algum sofrimento (e patologia?), conforme o que será discutido no Capítulo III deste texto.

Neste ponto faz-se necessária a definição de três conceitos que, até agora, se apresentaram de forma mais difusa: Complexo, Complexo de Édipo e Complexo de Castração. Sobre o primeiro, afirmam Laplanche e Pontalis (2001):

"Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados". (p.70). Com relação ao complexo de Édipo escrevem: "Conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história do Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. (...) Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para cada tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares da sua posição e da sua solução." (p. 77).

E com relação ao complexo de Castração, dizem:

"Complexo encontrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis da menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especificamente, com a função interditória e normativa." (p.73).

Feitas as definições acima, sabemos que o complexo de Édipo ocupa, enquanto fenômeno, o lugar central no período sexual da primeira infância – entre os três e cinco anos de idade, durante a fase fálica – e que teria sua dissolução no período de latência, quando sucumbiria à repressão, ainda que o fator decisivo à sua destruição, ou seu fim (?), não seja claro. Contudo, a puberdade, aumentando a pressão pulsional que rompe o equilíbrio da fase de latência, traz à tona os desejos e fantasias incestuosos. A puberdade inaugura, por assim dizer, um segundo tempo do complexo de Édipo, de modo que na adolescência há a recapitulação e a revivescência deste complexo, o que desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade adulta. Freud em “A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)” afirma não haver nenhum acontecimento especial que justifique tal fato:

“a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, devem, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança. Assim, o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna”. (p. 193).

A partir de então, como no caso de Paulo, o fetiche encontra aí seu lugar, diante da impossibilidade de satisfação de desejo pelo objeto original – a mãe – e na tentativa de proteção frente à castração: não ter o objeto desejado e não sofrer a ameaça da castração, mas desde que exista uma espécie de souvenir do amor não correspondido, nesse caso “aquele olhar” da mãe.

Ser feliz fazendo a sua mulher feliz, satisfazer-se através da satisfação dela, esta era a missão e o desejo de Paulo. Ser fálico para ser amado, ser o falo de/para suas mulheres. Corresponder ao desejo delas parece ter constituído o seu próprio desejo. Como visto no Capítulo I, Paulo mantivera desde sempre uma estreita relação com sua mãe, algo que poderia esbarrar – se é que não esbarrara desde sempre – em uma dimensão incestuosamente perigosa não fosse pela forte identificação com seu pai, pelo respeito e pelo amor dirigidos a esse e pela ameaça da castração. Castração esta, que, afinal de contas, poria fim à organização genital fálica do desenvolvimento.

Diante disto, era vital, então, renunciar ao objeto de amor original. Dito de outro modo, o complexo de Édipo atinge seu auge durante a fase fálica e mantém-se em segundo plano na fase de latência, antes da organização genital adulta. Frente à ameaça de castração, a criança escolhe o investimento narcísico ligado ao seu pênis, afastando-se assim do vínculo incestuoso ligado aos pais. Sobre este afastamento do desejo pelo objeto incestuoso, diz Freud (1924):

“(...) As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o, removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança”. (p. 196).

Neste ponto, trarei alguns apontamentos que, longe de ser uma digressão de minha parte, mostram-se pertinentes à estreita relação existente entre o Complexo de Édipo, o Supereu e o Ideal do Eu. Os parágrafos que se seguem são recortes de um trabalho intitulado “Montado pelo Ideal: Reflexões sobre um Caso Clínico”, elaborado no ano de 2008, durante o 3º ano do curso “Psicanálise: Teoria e Prática” no Instituto Sedes Sapientiae. Na ocasião, a dúvida que permeava minhas leituras e a análise do caso em questão me remeteram ao texto “O Ego e o Id” (1923), especialmente à parte III: O Ego e o Superego (Ideal do Ego). O caso discutido anteriormente trata de um jovem homem que se via impotente – e doente – frente às demandas do Supereu, em especial às do Ideal de Eu. Expectativas irreais, da ordem das idealizações, também marcavam a vida deste sujeito, assim como no caso de Paulo, em que o Eu, para além de ser atravessado por estas instâncias e por suas demandas, se apresenta não apenas influenciado pelo seu Ideal, como também pressionado e esmagado por este, conforme será discutido posteriormente nesta dissertação. Por ora seguem alguns recortes.

O conceito de Ideal de Eu sempre esteve, na obra freudiana, intrinsecamente ligado aos de Eu Ideal e Supereu. Em “*O Ego e o id*” (1923), Ideal de Eu e Supereu se apresentam enquanto sinônimos, e por outras vezes, o mesmo se confunde com o conceito de Ego ideal. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o conceito de Eu ideal só veio a ser diferenciado do Ideal do eu depois de Freud. Assim, o Eu ideal pode ser entendido como uma: “Formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, definem como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil.” (p. 139).

Tal diferenciação se fez necessária, pois partindo do texto: *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), onde esses conceitos figuram pela primeira vez, não se pode evidenciar uma distinção entre eles. Assim, não há como falarmos de Ideal do ego sem nos remetermos ao conceito de Eu ideal, já que o primeiro deve sua herança a este último, que, por sua vez, é herdeiro direto do narcisismo primário. De acordo com Zimerman³, o Eu ideal se encontra aparentado com o supereu como uma subestrutura, que enquanto herdeira do narcisismo

³ In: ZIMERMAN, David E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre. Artmed. 1999.

primário busca corresponder, na vida real, às demandas oriundas de seus próprios ideais. Demandas estas de caráter fantasioso, inalcançável e onipotentemente narcísico.

Contudo, tais demandas correspondentes às fantasias do registro do narcisismo primário têm de ser “abandonadas” quando do surgimento do complexo de castração. É com a vivência da crise edípica que a criança identificada com este Eu ideal, onipotente e todo valorizado, perde sua suposta posição de plenitude em relação à mãe. É forçada a “ceder” lugar a um terceiro, que o deixa numa posição de exclusão. Assim, no lugar do “ser” surge um *vir-a-ser* e no lugar do “ter” um *vir-a-ter*. Sobre essa posição da criança, Hornstein⁴, citando Freud, diz:“(…). A via pela qual é forçada a fazê-lo é a identificação com o idealizado que não é parte dela, ou seja, a via é o caminho identificatório.” (p. 175).

Identificando-se com este idealizado, agora herdeiro daquele Eu ideal atravessado pela castração, tal ideal não se apresenta mais como o próprio eu, mas como um projeto, através do qual a criança buscará recuperar sua “perfeição” e plenitude narcísica. Ela tentará aproximar seu eu real daquele ideal perdido (Eu ideal narcísico). Só que agora, de forma intimamente ligada à estrutura do supereu, e não mais somente como uma expressão das catexias narcísicas provenientes do id. Em detrimento do “eu sou!” resultante do Eu Ideal, surge esse “vir a ser”, esse ideal herdado, esta outra estrutura, e sobre isso Zimmerman⁵ comenta: “(...) ela resulta dos ideais do próprio “ego ideal” da criança, que são projetados e altamente idealizados nos pais e que se somam aos originais mandamentos provindos do “ego ideal” de cada um desses pais (...)”.

A criança está, portanto, “apta” a investir o mundo narcisicamente, de modo a buscar esse ideal e atingi-lo um vez mais. Mas, desta vez, seguindo e obedecendo aos mandamentos desta nova estrutura. Assim, instala-se aquilo que Hornstein (1990, p. 176), vai chamar de projeto, que, em última instância, é o catalisador da relação que o sujeito passa a estabelecer com a temporalidade: “(...) só no futuro o eu poderá coincidir com o ideal. O eu não é o ideal, mas pode chegar a sê-lo (...)”.

Para Freud (1914), esta relação com a temporalidade marca a substituição daquilo que para o sujeito, na sua infância, era o eu real. Marca a substituição daquilo que ele projeta no futuro como sendo seu ideal. Tal substituição vem apontar aquilo que pode ser entendido como o narcisismo no adulto, que vem demarcar a falta permanente de algo, fazendo com que o eu real nunca coincida com o ideal. Ou ainda, a substituição dar-se-ia através da identificação com o ideal, agora atravessado e mediado pelo registro da castração.

⁴ In: HORNSTEIN, Luis. Cura Psicanalítica e Sublimação. Porto Alegre. Artes Médicas. 1990.

⁵ Zimmerman, op. cit., p. 134.

Desta maneira, para Hornstein⁶, este ideal a ser atingido surge no horizonte como um norteador, um continente a ser conquistado: “(...) o ideal do eu sempre marca um caminho a seguir, equivalente ao que, no campo do desejo, seria a diferença entre o prazer desejado e o prazer obtido”. (1990, p. 179).

Assim se instala o Ideal do eu, como uma estrutura que vem servir de referência ao ego em suas realizações. Tal estrutura aparece pela primeira vez na obra freudiana no texto: *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). Relativamente autônoma, essa estrutura, herdeira do Eu ideal e do narcisismo primário, ambos permeados pela castração, pode ser caracterizada, segundo Laplanche e Pontalis (2001), como sendo a:

“Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se”. (p 222).

Instaurado o Ideal do eu, ao contrário do que se poderia presumir, o Eu ideal não se extingue por completo. Hornstein (1990), afirma que, mesmo após a castração existem elementos que oscilam em termos de grau referentes àquele Eu ideal no psiquismo. Diz que a compensação narcísica do sujeito, no que se refere às chamadas personalidades narcísicas, está diretamente ligada ao equilíbrio entre tais elementos remanescentes do ego idealizado e o Ideal do eu. Patologicamente ou não, o que há é uma presentificação, uma atualização do Eu ideal que, operando no processo primário, desconsidera a realidade.

Partindo dos apontamentos acima, mas retornando agora ao caso de Paulo, o que se evidencia facilmente é a forte identificação deste com seu pai. E, por conseguinte, a estruturação (ou organização) egóica que parte não somente de um Eu Ideal onipotente e não-castrado oriundo das identificações maternas, como também de um Ideal de Eu atravessado pela castração – ainda que esta tenha sido escamoteada e ludibriada pela construção de um fetiche – que se faz presente na busca pela mulher ideal diante da qual terá de se afirmar enquanto sujeito, homem fálico e amante perfeito, tal como seu pai: seu Ideal.

Desta forma, não havia outra saída para Paulo a não ser a de não entrar em disputa com seu pai pelo amor de sua mãe. Esta parece ter sido – para além do atributo do objeto original (“aquele olhar” da mãe) – a condição necessária e possível para a construção do fetiche neste caso. Ter a mulher que é do pai, que é de outro, ter a mulher que já tem dono talvez não fosse o caminho mais seguro, apesar de ainda desejado. Escapar à ameaça da

⁶ HORNSTEIN, Luis. Cura Psicanalítica e Sublimação. Porto Alegre. Artes Médicas.1990.

castração mantendo um souvenir do objeto desejado que o protege dessa ameaça, esta parece ter sido a saída para Paulo. Seu fetiche, sua adolescência tardia no que se refere à sua entrada na genitalidade, sua resistência e sua clara resistência à genitalidade parecem ter lhe custado muito, ainda que a masturbação lhe tenha sido prazerosa desde menino. Meninas e mulheres se foram, experiências e oportunidades de vinculação passaram. Contudo, Paulo parece ter construído uma saída amistosa frente ao Édipo, evitando a rivalidade com seu pai e mantendo para si um “pedaço” de sua mãe enquanto fetiche.

Entretanto, uma questão ainda se fazia demasiadamente presente: ter uma menina ou uma mulher seria uma traição contra sua mãe? Abdicar de seu fetiche e de seu desejo seria uma renúncia ao objeto de desejo original? A análise de Paulo confirma a influência de tal questão: a fantasia e as tentativas recorrentes de (re) encontrar a portadora “daquele olhar” – para a qual deseja se fazer fálico e amado uma vez mais – e a renúncia às possibilidades de um relacionamento mediado pela realidade diante da frustração de seu desejo. O desejo edípico de ser fálico à sua mãe – e posteriormente às suas mulheres, desde que dotadas do atributo do fetiche – parece ter se constituído em seu Ideal de Ego: ser fálico à minha mulher como fora meu pai à dele.

Ainda, no que se refere à fase fálica, afirma Freud (1923):

“Ultimamente nos tornamos mais claramente cônscios que antes, de que o desenvolvimento sexual de uma criança avança até determinada fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal. Esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis; o genital feminino permaneceu irrealizado. Essa fase fálica, que é contemporânea do complexo de Édipo, não se desenvolve além, até a organização genital definitiva, mas é submersa, e sucedida pelo período de latência. Seu término, contudo, se realiza de maneira típica e em conjunção com acontecimentos de recorrência regular”. (p. 194).

Esta é a concepção de Freud, ainda que se possa pensar que a renúncia por parte da criança e a dissolução do complexo de Édipo – e a construção do Superego – se devam à qualidade das relações edípicas vivenciadas: nem esmagadoramente proibitivas e frustrantes nem permissivas e incestuosamente gratificantes.

Assim, ainda que à custa de uma angústia considerável oriunda de desapontamentos dolorosos frutos de suas paixões não declaradas e não vividas, uma vez que não se encontra a mulher ideal e perfeita, o desejo de se fazer fálico – apoiado no fetiche – que sustenta as escolhas objetais posteriores de Paulo parece ter se mantido para além do período de latência, o que se mostra evidente por meio de sua resistência à organização genital adulta, ainda que sob a máscara do seu alto padrão de exigência para com suas pretendentes. *Elas tinham de ser perfeitas!...* Como sua mãe?

E assim, alguns anos depois e a partir do fetiche, Paulo parece ter encontrado sua mulher ideal, uma mulher dotada “daquele olhar”.

No momento em que a vi eu soube, ela era o amor da minha vida. Sei disso. Foi obra do destino nos encontrarmos naquele dia, simplesmente coincidimos no tempo e no espaço, estávamos predestinados a ficar juntos. A primeira vez que a vi foi pura mágica, cruzamos olhares, sorrisos e, a partir de então, eu já soube que era ela. Conversamos por alguns minutos antes de ela ir embora, tempo suficiente para não deixá-la escapar, consegui seu número de telefone. Após várias tentativas sem resposta ela finalmente retornou uma de minhas ligações, eu já estava desistindo daquilo tudo. Mas sabe como é, já estava tudo escrito. Ficamos nos “conhecendo” via telefone por um mês até que ela aceitou meu convite para jantar. Foi lindo! Enquanto jantávamos eu fazia planos para toda a vida ao lado dela. Acredita? Estávamos sem ninguém, totalmente disponíveis um ao outro. Dois dias depois já éramos namorados.

Todos os dias trocávamos cartas, bilhetes, telefonemas e juras de amor. Não passávamos um dia sequer sem nos vermos. Era algo natural, nada imposto por ela ou por mim, simplesmente queríamos estar juntos o tempo todo. Aliás, o tempo parecia não existir. Só nós dois existíamos, um para o outro... Éramos cúmplices, amigos e amantes inseparáveis.

Eu nunca ameí ninguém daquele jeito, era algo visceral. Ela era tudo que eu sempre quis para mim. Era perfeita! Fazíamos pequenos e grandes planos para o fim de semana, para o mês seguinte, para nossas férias, para nossas vidas. Tudo era em termos de “nós”, e como eu amava tudo aquilo! Nunca fui tão feliz ao lado de alguém, ela entrou na minha vida, na minha alma! Éramos um só! Nosso amor era mágico, como se nada mais no mundo importasse. E realmente não importava! Nós nos bastávamos enquanto estivéssemos juntos. Eu me sentia alguém melhor, alguém completo ao lado dela. Ela fazia com que eu sempre quisesse ser o melhor em tudo aquilo que fizesse. Ela só me fazia bem... Ela era o amor da minha vida. Não me faltava nada.

Sempre fui bastante crítico com relação às mulheres, elas tinham de ser perfeitas para despertar o meu interesse, ou pelo menos tinham que parecer assim. Com ela não! Era como se eu não enxergasse nada de errado. Ela era tudo! Era como se nos conhecêssemos há muito tempo, éramos muito parecidos em quase tudo. Tínhamos a mesma descendência europeia, nossos olhos eram da mesma cor, enfim, eu me reconhecia nela em vários momentos. Tínhamos gostos e preferências muito parecidas, daí a vontade de ficarmos juntos todo o tempo. Antes dela nunca me imaginei casado com ninguém, tendo filhos com ninguém, nunca fiz planos com nenhuma mulher... Até encontrá-la! Ela também queria ter filhos, um casal,

ficávamos votando em nomes e imaginando como eles seriam, com qual de nós seriam mais parecidos, que profissão escolheriam, enfim, tudo aquilo que poderíamos viver enquanto um casal. A cada viagem ou passeio que fazíamos juntos comprávamos algo para nossa casa, ainda que não tivéssemos uma. Escolhíamos móveis e pensávamos na decoração do nosso cantinho... Era muito bom.

Quase sempre concordávamos, mas quando discordávamos eu facilmente cedia a ela sem pensar. O que importava era o que tínhamos juntos, e eu não arriscaria aquilo por nada nesse mundo, nem por mim mesmo. Eu só vivia enquanto “nós”, tudo era pensado, planejado e realizado desde que ela estivesse comigo. E como eu era feliz assim! Nunca pensei que pudesse estar me anulando em função dela ou de nosso namoro, eu simplesmente desejava tudo aquilo e não pensava em mais nada. Ela era o amor da minha vida. Não me faltava nada.

Nossa intimidade sempre foi muito natural, não existia nada que nos fosse proibido, éramos totalmente livres um para o outro, não admitíamos limites em nosso prazer, desde que estivéssemos juntos. Faíscas! É isso mesmo que sentíamos quando estávamos juntos. Era como se fôssemos dois ímãs, a atração era inevitável. Ainda bem! Qualquer hora era hora e qualquer lugar era lugar para que nos amássemos, às vezes parecíamos duas crianças fazendo “arte”, sabe como é? Era maravilhoso! Não tínhamos pudor e nem nada que pudesse nos afastar um do outro, tudo era permitido entre nós. Na cama, e não só na cama, nós nos devorávamos! Era visceral, era olhos nos olhos o tempo todo. Aliás, sempre foi assim, desde o primeiro dia em que nos vimos foi olhos nos olhos, era como se cada um se enxergasse pelos e nos olhos do outro, era mágico. Chamávamo-nos de minha vida, meu amor, meu anjo, meu neném, meu tesão, meu tudo e até de minha loucura, mas isso somente quando as palavras se faziam necessárias, pois nossos olhos diziam tudo... Ela era o amor da minha vida. Não me faltava nada.

A fantasia de completude atingida novamente por Paulo, mediante o (re) encontro com sua nova amada, estava longe de ser o primeiro, pois deste, seu primeiro amor, sua primeira escolha objetal, restara o fetiche que marcou seu desejo e sua busca por tal (re) encontro. As meninas e mulheres por quem Paulo havia se apaixonado traziam a marca do objeto original: aquele olhar. Mas somente essa menina/mulher, dentre todas as outras possibilidades frustradas pelo outro e/ou não vivida, fora “fiel” ao que o fetiche havia deixado a Paulo. Por que essa mulher? Ela trazia, para além daquele olhar cativante – e imediatamente aprisionador – outros atributos que remeteram Paulo à imagem de sua mãe: os cabelos longos e lisos, a pele clara, a boca grande, os lábios carnudos e, acima de tudo, essa mulher parecia impossível

de ser conquistada! Ela se mostrara inicialmente como algo precioso, de valor inestimável e, ao mesmo tempo, parecia ser “proibida”, inatingível. Talvez resida aqui o fator determinante para este “apaixonamento” escolhido e vivido por Paulo.

Não me faltava nada, desde que Paulo estivesse com ela. Esta paixão claramente teve um custo altíssimo, uma vez que o afastara de qualquer outro investimento que pudesse vir a fazer: trabalho, estudo, entre outras atividades. Trabalhava o suficiente e estudava o necessário. A ilusão de se encontrar completo através de sua amada parecia ter-se tornado o centro de sua vida. Sua família e seus amigos de longa data notaram seu afastamento e as mudanças que se impôs a fazer em nome dessa paixão: era necessário manter o peso a qualquer custo, era preciso vestir-se bem e era imprescindível estar à disposição de sua amada, ainda que o tempo dela não fosse todo destinado a ele. Paulo era o guardião daquela relíquia!

Diante da impossibilidade do luto frente à perda do objeto de escolha incestuoso – a mãe –, Paulo construiu seu fetiche, desejou-o e o buscou-o até (re) encontrá-lo, até tornar-se novamente parte da unidade que um dia o constituíra enquanto sujeito, unidade essa que tal paixão viabilizara. Ele estava feliz e completo desde que estivesse com ela: *Tudo era pensado em termos de nós*. O objeto portador do fetiche havia se tornado algo de valor inestimável: uma relíquia! *O que importava era o que tínhamos juntos, eu não arriscaria aquilo por nada nesse mundo, nem por mim mesmo*.

Ilusão! Sim, uma ilusão que trouxera Paulo à vida! No entanto, ainda que cego frente a seu custo, ele estava feliz como nunca esteve. Paulo fora cativado, seduzido e aprisionado em seu próprio desejo, em seu próprio fetiche, e o fez de muito bom grado, voluntária e inevitavelmente, pois... finalmente: *Não me faltava nada!*

Freud, em “O Futuro de uma Ilusão” (1927), afirma que as necessidades dos homens teriam sido responsáveis pela criação das ideias religiosas – especialmente a de estar sob a proteção e os cuidados de um deus-pai, seja sob a forma totêmica animal, responsável pelas proibições do assassinato e do incesto, como a apresentada em seu texto “Totem e Tabu” (1913[1912-13]), seja sob a forma humana como a evidenciada nas crenças e mitos religiosos, em especial o cristianismo – e por todas as outras realizações da civilização – arte, descobertas, invenções, entre outras, quando diante da esmagadora força da natureza. Desamparo é a resultante de tal encontro, de um lado a fragilidade, a impotência e a mortalidade do homem; e de outro, a magnitude e a grandiosidade da natureza.

Freud, nesse mesmo texto, vincula a ideia do desamparo e da necessidade de proteção do homem com o complexo paterno e diz:

“Essas vinculações não são difíceis de encontrar. Consistem na relação do desamparo da criança com o desamparo do adulto (...). Transportemo-nos para a vida mental de uma criança. Você se recorda da escolha de objeto de acordo com o tipo anaclítico [ligação], de que fala a psicanálise? A libido segue aí os caminhos das necessidades narcísicas e liga-se aos objetos que asseguram a satisfação dessas necessidades. Desta maneira, a mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade, podemos dizer”. (p.32).

Posteriormente, a mãe protetora – cuja função se deu através do amor – é substituída pelo pai, que passa então a ocupar esse lugar até o fim da infância. Contudo, em função da rivalidade inerente à vivência do complexo de Édipo, a relação da criança com o pai assume um caráter de ambivalência, de modo que esse se torna ora temido – em função da ameaça de castração – ora desejado e admirado, tal como a relação do homem com seus deuses, na qual o primeiro anseia e, ao mesmo tempo, teme o segundo, sob a forma de punições ou castigos divinos. Freud (1927):

“Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto frente ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião”.(p.33)

Em suma, o sucesso do homem frente ao desamparo parece ser herdeiro do sucesso deste enquanto criança frente ao complexo de Édipo: a identificação com seu deus-pai. E isso Paulo havia feito claramente, ainda que a renúncia ao seu objeto incestuoso tenha sido escamoteada pelo fetiche. Amar uma mulher fálica que o fizesse sentir-se amado. Sua paixão era sua religião! E seu deus a sua amada. Assim como seu pai ao lado de sua mãe, Paulo escolhera viver essa ilusão ao lado de sua amada. Afinal “O segredo de sua força reside na força desses desejos” (FREUD, 1927, p.39).

No entanto, assim como a fantasia de estar protegido e de ser salvo por uma divindade qualquer presente nas ideias religiosas, a fantasia de estar protegido pelo amor de sua amada e de ser salvo da solidão pela paixão em relação a essa, não são mais que ilusões. Contudo, como afirma Freud:

“(...) Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. (...) O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. (...) As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade.” (pp. 39 e 40).

Paulo acreditava, e mais do que isso, precisava e desejava acreditar que sua ilusão era real. E assim fora. O que seria de Paulo sem essa ilusão? O que seria dos homens sem nenhuma ilusão? “Isso soa esplêndido! Uma raça de homens que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de fazer tolerável sua existência na Terra!” (FREUD, 1927, p. 59).

Contudo, permanecer vinculado a uma ilusão – tal como as crianças o fazem por algum tempo – não é privilégio dos homens. Assim, a desilusão parece se fazer imperativa e necessária. E com Paulo não fora diferente.

CAPÍTULO III: O Desencontro: Eu, o outro e a realidade

*“Ele reencontra essa mágoa
incontrolável da infância que é a de ter
tido que existir.” Roland Gori.*

Ficamos juntos por cinco anos, e nesse tempo nunca deixamos de comemorar nosso aniversário de namoro, ou melhor, nossos aniversários, pois comemorávamos todo mês. Era quase um ritual, mas sem obrigação alguma, bem, pelo menos não era assim de minha parte. Com o passar do tempo nosso mundo começou a expandir-se, e com isso a realidade começou, de maneira impiedosa, a invadir nosso mundinho perfeito. Os compromissos familiares, de estudo e de trabalho e a necessidade de momentos a sós começaram a se impor como um desafio ao nosso indestrutível “nós”.

É. A palavra é essa mesma, desafio! A tão natural vontade de estar juntos começou a ter que ser trabalhada, discutida e reagendada em função da realidade pela qual optamos. Optamos por deixar de fora durante algum tempo. Tempo em que nos bastávamos. Até então, assim como nada, ninguém havia ocupado lugar em nossa relação a não ser ela e eu. Mãe, pai, chefe, amigos e amigas começaram a aparecer e a ganhar volume em nosso mundo. Começamos a nos cobrar, a nos acusar e a nos questionar sobre o futuro da relação, coisa que até então não havíamos nos permitido fazer, o “nós” era maior que ela ou eu. Começamos a desejar outras coisas e a perceber que não éramos assim tão parecidos, mas me calei, não queria me imaginar sem ela, não queria me ver sem ela, não queria viver sem ela. Simplesmente me recolhi à minha dor e ao medo de perdê-la, silenciosa e covardemente. Mas eu era tão feliz! Maldita realidade, pensei. Éramos tudo o que desejamos ser, por que, agora, teríamos que nos reconstruir um sem o outro? Ou melhor, por que eu teria que me reconstruir sem ela? Definitivamente, não era o que eu queria.

Num dia qualquer, que de “qualquer” não teve nada, fui surpreendido pelo fim. Sem motivo aparente ou que me parecesse justo, fui atingido por palavras ditas por aquela que eu julgava ser minha metade, minha mulher e o amor da minha vida. Palavras que me rasgaram meu espírito, me roubaram a paz e destruíram os meus sonhos e planos, acabaram com o meu amor e o meu amar... O “nós” não existia mais, restei sozinho, eu sem ela. Eu não aceitei, não poderia aceitar aquilo, mas o que eu poderia fazer? O quê?

Minha vida sem ela não faz sentido algum... É um vazio, é uma dor que não tem nome. Eu a vejo em tudo, em qualquer lugar, nas músicas, nos filmes, qualquer coisa me traz uma lembrança, me traz ela de volta. Parece que só assim me sinto perto dela, longe... Não como,

não durmo, quase não faço mais nada desde que ela me deixou. É como se minha vida tivesse parado no tempo, ainda estou ao lado dela, ainda me sinto assim. Não tenho conseguido trabalhar, estudar, nada! A dor é carga demais... Não sei o que será de mim agora. Nada mais me faz sentido sem ela. Quase não me reconheço... Ela me faz muita falta, ela era tudo.

Fico buscando explicações e motivos que justifiquem o porquê de não estarmos mais juntos, mas não encontro nada. É só o vazio. Tenho me questionado sobre várias coisas, os planos e sonhos que eu tinha estavam ligados a ela. Estudar, trabalhar... Sei lá. Viver para quê? Acho que nunca mais me ligarei a alguém dessa maneira. Foi intenso do início ao fim, mas parece que só eu não aceito este último, fico preso ao passado, não vivo o presente e não vejo o futuro sem ela ao meu lado. Sinto-me oco, vazio, tudo é cinza agora, a vida perdeu as cores. Sinto-me em pedaços... Achei que éramos um casal inabalável, indestrutível. Achei que seríamos assim para sempre! Vou sobrevivendo aos dias, mas sempre na esperança de que ela volte, e enquanto isto não acontece, e acho que nunca acontecerá, vou sobrevivendo junto ao vazio que tomou conta de mim. Nós éramos tudo, ela era tudo na minha vida. Amor como esse... É uma vez na vida! Como posso viver sem ela? Agora sou apenas eu, sem ela, sozinho.

O sentimento de solidão frente ao abandono vivido por Paulo parece remetê-lo à reatualização de uma separação anterior, marcada pela mesma angústia. Sua primeira paixão, frustrada na origem pela interdição edípica, surgiria como uma tentativa fantasiosa de ocupar na vida do outro um lugar único enquanto objeto indispensável de seu amor: restituir a “exclusividade”, a simbiose e a completude narcísica. Contudo, perder é sempre perder de novo.

Ao longo do percurso, Paulo se surpreendia alternando seu discurso entre a saudade do que teve e a raiva daquilo que não tinha mais. Mas quase nunca culpava sua amada pelo fim da relação. Ela era seu ideal de mulher e, junto com esse, parte de seu próprio Ideal enquanto homem, pois ela o tornava uma pessoa melhor. Diz-se popularmente que o ódio é a outra face do amor, e que todo ódio fora, anteriormente, um amor que não mais pode ser vivido. Contudo, o ódio ao seu objeto não se apresentara, uma vez que esse objeto ainda era alvo de seu amor. A indiferença em relação à sua amada se apresentava como uma possibilidade, já que destruir os sentimentos de amor que ainda nutria por ela parecia ser impossível. Odiá-la por tê-lo abandonado talvez fosse o necessário para que, morrendo ela enquanto objeto de amor, ele pudesse (sobre) viver. Mas Paulo não cederia tão facilmente a tal luto. Era uma luta travada sessão a sessão e dia após dia. Tê-la, ainda que em sua ausência, era melhor que o vazio. Paulo temia a desintegração de si mesmo diante da possibilidade de abdicar desse amor perdido. Ele simplesmente recusava-se a deixá-la e a deixar-se viver sem ela.

A dor era cruel. Paulo queixava-se de dores musculares, de insônia, da falta de apetite e de vontade de viver. Sua dor arrebatava seu psiquismo e seu corpo, de forma indistinta, porém real. Paulo era a dor. Por muito tempo era só o que ele podia me dizer, da dor sem palavras que o acometia. Sentado à minha frente ele parecia separar-se do seu corpo, era preciso atentar ao físico na busca de significações que lhe trouxessem algum alívio, era preciso outorgar-lhe vida psíquica.

A falta do objeto amado se fazia presente na falta de palavras. Era como se seu corpo demandasse um sentido àquilo tudo, àquilo que, ao mesmo tempo em que não se apresentava enquanto linguagem se abria à possibilidade de interpretação pela palavra. Fomos juntos, traduzindo e ouvindo paulatina e repetidamente o discurso de sua desorganização, aquilo que seu corpo “gritava”.

Luta com o luto! Assim estava Paulo desejando não renunciar à sua amada, ao seu amor. Estava triste e sobrevivendo aos dias na companhia da dor. Estava doente pelo amor que se recusava a abandonar. O luto parecia impossível, e algo da ordem de um apagamento de si mesmo começara a se anunciar, algo que parecia despertar um estado melancólico. Paulo parecia morto psiquicamente. Em “Luto e Melancolia” (1917[1915]), Freud traça uma correlação entre a melancolia e o luto, afirmando que as causas para ambas as condições são disparadas por influências ambientais, e segue:

“O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele”. (p. 240).

O trabalho do luto pressupõe o fato de que o objeto amado não mais exista e, a partir disso, que haja o desinvestimento libidinal deste mesmo objeto, deixando assim o Eu livre para investir outros objetos. Contudo, tal trabalho quase nunca se dá de forma imediata e indolor. Não se abandona facilmente o objeto amado, ainda que perdido frente ao teste imposto pela realidade. O “Acabou, está tudo terminado”, por vezes, não acaba! As lembranças ligadas à pessoa perdida – *Eu a vejo em tudo, em qualquer lugar, nas músicas, nos filmes, qualquer coisa me traz uma lembrança, me traz ela de volta* – são convocadas e hipercatexizadas uma a uma, até que sejam desinvestidas libidinalmente. Quanto mais experiências vividas, quanto mais lembranças evocadas, maior o tempo – e a dor – exigido

para que se dê o trabalho do luto. A realidade vai se apresentando gradativa e penosamente ao enlutado até que, “finalmente”, seu Eu agora desinibido se encontre livre para investir outros objetos e amar novamente. Nas palavras de Freud (1917[1915]):

“(…) Possivelmente, contudo, uma conjectura nos ajudará aqui. Cada uma das lembranças e situações de expectativa que demonstram a ligação da libido ao objeto perdido se defrontam com o veredicto da realidade segundo o qual o objeto não mais existe; e o ego, confrontado, por assim dizer, com a questão de saber se partilhará desse destino, é persuadido, pela soma das satisfações narcisistas que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto abolido. Talvez possamos supor que esse trabalho de rompimento seja tão lento e gradual, que, na ocasião em que tiver sido concluído, o dispêndio de energia necessária a ele também se tenha dissipado.” (p. 260).

Contudo, Paulo não desejava abandonar o que restara de seu objeto de amor; ao contrário, escolhera permanecer em sua companhia. Conservar a relíquia – enquanto souvenir de sua amada e do amor perfeito –, ao mesmo tempo em que o protegia da melancolia, o impossibilitava de fazer o luto e de investir quaisquer outros objetos.

“(…) O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida que este não evoca esse alguém –, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. É fácil constatar que essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses. E, realmente, só porque sabemos explicá-la tão bem é que essa atitude não nos parece patológica”. (FREUD, 1917[1915], p. 250).

Paulo era devoto de seu amor perdido, como fora durante todo o tempo em que se deu tal relação. Fazer o luto era abrir mão do que lhe restara desse amor, era desistir, era perder novamente aquilo que mais amava. Sua luta era contra o luto! Sua amada o abandonara, mas ele não a abandonaria. Evidência disto é o fato de que pouco dizia quanto à sua amada e à sua perda. Não havia críticas ou ataques de qualquer natureza, sua amada parecia intocável, tal como uma relíquia deve ser preservada. Talvez seu amor pela relação vivida – e por tudo aquilo que esta lhe trouxera: a satisfação por meio do fetiche – fosse maior que seu amor ao próprio objeto. A ideia de ter sido injustamente abandonado, o que poderia iniciar um processo de desvalorização – e de descategorização – do objeto amado para que o trabalho de luto seguisse levou algum tempo, pois não havia queixa dirigida a sua amada, havia apenas a dor da sua perda.

A esta altura já sabemos que seu primeiro amor – sua mãe – ao qual “renunciou” lhe deixara um fetiche, quanto ao segundo amor – construído a partir desse mesmo fetiche – lhe deixara uma relíquia. Então, a partir disso, a hipótese de um quadro melancólico se apresenta.

Diante do luto não elaborado pela impossibilidade de satisfação do desejo pelo objeto incestuoso, Paulo construiu um fetiche que o acompanhara em sua solidão até o momento em que a paixão o resgatara, colocando-o uma vez mais frente à possibilidade de satisfação do desejo que lhe fora anteriormente vetado. Essa parece ser a “fórmula” desse caso: refugiar-se em um quadro melancólico talvez tenha sido o meio encontrado para manter-se próximo – e de posse? – do objeto perdido. Manter-se afastado, rejeitando as possibilidades de vinculação em sua adolescência, atribuindo defeitos aos demais objetos em potencial fora o meio utilizado para preservar seu desejo pelo objeto original perdido. De modo que somente outro objeto fidedigno dos atributos do objeto original – que fosse dotado *daquele* olhar – poderia tirá-lo de sua posição, de sua solidão. Tal hipótese – da fórmula – parece refutar a ideia de que Paulo estaria atravessando o luto, mas que se trata, ao contrário, da impossibilidade de aceitação – e de elaboração – do luto por parte deste.

A princípio, os sintomas trazidos por Paulo poderiam indicar tanto a existência de um estado de luto, ainda que não desejado, como de uma melancolia. Freud (1917[1915]), na tentativa de elucidar a distinção entre esses dois estados, afirma:

“Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecreminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. (...)” (p. 250).

No entanto, o elemento melancólico não se fazia presente. A “única exceção” citada acima por Freud, se refere a uma significativa diminuição da autoestima – autorrecreminação e autoenvilecimento – o que não se apresentara durante a análise de Paulo. Ainda que, o vazio e a dor presentes em seu discurso pudessem indicar algo da ordem de uma autopunição pelo abandono por parte do objeto amado: culpar-se e castigar-se por ter perdido sua amada, em vez de ter sido abandonado por essa.

Então, a ideia que surge é a de que fora justamente a impossibilidade de atravessar o luto que faz com que Paulo não sucumba à melancolia, ainda que, claramente, possa se pensar em um quadro ou estado melancólico decorrente da impossibilidade desse mesmo luto. Ele não estava sofrendo apenas pela perda de alguém que se ama, o que, por si só, já constitui algo extremamente penoso. Ele havia perdido o interesse pelas coisas do mundo, já que o mundo sem sua amada não tinha valor algum. Mais do que a perda do objeto de seu amor, ele perdera parte de si mesmo, parte de seu Eu fora-lhe amputada com esta separação, ele estava inconsolável. Pensar em outra mulher era proibido, não havia nenhuma substituta à altura e a

sua capacidade de adotar um novo objeto de amor estava impedida, simplesmente não havia desejo e tampouco energia suficiente para que se permitisse o trabalho de desligamento oferecido pelo luto. O luto era em relação a si mesmo, ao que fora perdido como parte de seu próprio Eu. Paulo perdera aquele olhar, seu fetiche, e com isso se via novamente solitário e, por esse fato, se punia. Contudo, algo fora conservado em meio às perdas sofridas: a relíquia!

Paulo não “precisava” fazer o luto por aquela que perdera, não desejava abandonar o objeto perdido, pois carregara a relíquia consigo e, desta forma, a protegera à custa da negação de perda e de sua dor. Ele estava sozinho, mas não solitário.

Ao final do trabalho do luto, o Eu estaria livre e desinibido para investir quaisquer outros objetos, uma vez que a libido fora desinvestida do objeto anteriormente amado. Contudo, este não parece ter sido o destino escolhido e percorrido por Paulo, pois, mais do que perder o objeto amado, ele havia perdido parte de si mesmo enquanto ideal, e a posse da relíquia lhe garantiria este lugar. Assim, sofrera mais pela perda do amor do que pela perda da mulher amada: *É um vazio, é uma dor que não tem nome*. Como afirma Freud (1917[1915]):

“Apliquemos agora à melancolia o que aprendemos sobre o luto. Num conjunto de casos é evidente que a melancolia também pode constituir reação à perda de um objeto amado. Onde as causas excitantes se mostram diferentes, pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor (como no caso, por exemplo, de uma noiva que tenha levado o fora). Ainda em outros casos nos sentimos justificados em sustentar a crença de que uma perda dessa espécie ocorreu; não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente receber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda”. (p.251).

A amada de Paulo parece ter sido o suporte para o fetiche e, agora, parece ter deixado algo ainda mais valioso a Paulo: a relíquia. Sabido era o fato de que sua amada havia lhe abandonado, mas desconhecido era o que ele perdera com sua partida. Daí a ideia de uma relíquia se justifica: manter o objeto de amor perdido era manter-se vivo!

Ser o homem que faz sua mulher feliz. Ser o homem que a satisfaz. Ser fático para e através de. Ser o amante perfeito. Ser homem! Como visto no Capítulo II deste texto, talvez resida aqui a noção de ideal de Eu construída por Paulo: *Assim era meu pai, assim sou eu*. Ainda que tal afirmação estivesse longe de sua consciência, ele sofria pela perda de um lugar a ser confirmado por uma mulher. Antes de ser amado para se confirmar como homem, ele precisava ser amado para sentir-se vivo! Quem ser e o que fazer agora sem aquela diante da

qual minha existência era confirmada? Assim, a relíquia não somente comportava a representação do que é ser homem, como também do que é ser Eu.

Na melancolia, assim como no luto, o Eu encontra-se absorvido após a perda do objeto de amor, o que justifica a perda de interesse no mundo e a inibição do sujeito frente a esse. A diferença, segundo Freud, é que no caso da melancolia não se pode ver claramente o que está absorvendo o Eu: (...) *vou sobrevivendo junto ao vazio que tomou conta de mim*. A hipótese de que Paulo seria um melancólico – para além da ausência da autorrecriação, do autoenvilecimento e da expectativa de ser punido pela perda do objeto de seu amor – não se apresenta de forma contundente e satisfatória, a julgar por este estudo de caso. Ainda que o trabalho do luto não tenha se instalado de forma clara, o empobrecimento do mundo acerca de Paulo é explícito, embora a ideia da relíquia construída aqui pareça proteger seu Eu do empobrecimento e do vazio próprios de uma organização (ou estrutura) melancólica. Antes, o que se apresenta parece ser uma saída – tal como fora o fetiche frente à ameaça de castração – da melancolia: não fazer o luto é negar a perda. Não fazer o luto é conservar o objeto perdido. Não fazer o luto é manter-se junto e de posse da relíquia: é não se haver com a castração e, mais fundamentalmente, com o vazio e não ter para quem ser.

Assim, a dor de Paulo teria se instalado com a perda de sua amada, mas não se manteria desta forma. Aceitar a perda era ter de enfrentar mais uma vez a ameaça de castração que fora anteriormente escamoteada pela construção de um fetiche: *aquele olhar*. Esse que, por sua vez, sempre se fez presente como pano de fundo para as suas escolhas objetais, especialmente aquela que elegera sua ex-amada como substituta de sua mãe e que agora também o abandonara. A diferença está no fato de que: do objeto de amor original, Paulo somente pôde ter um souvenir (o fetiche) – pois *aquela mulher já tinha dono* (seu pai). Por sua vez, com relação ao objeto substituto, ele pôde e teve tudo! E isto era seu! E teria de ser guardado e protegido (a relíquia). Seu Eu estava às voltas com o vazio, mas não estava desacompanhado e à espera de um castigo ou punição. Parece que Paulo esbarrou na melancolia e esteve à beira do abismo, mas fora salvo pela relíquia que construíra e que, de alguma maneira, representa aquilo que o define enquanto homem e sujeito. Assim, a impossibilidade de realização do trabalho do luto não implica necessariamente uma melancolia.

“O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. Não acha que uma mudança se tenha processado nele, mas estende sua autocrítica até o

passado, declarando que nunca foi melhor. Esse quadro de um delírio de inferioridade (principalmente moral) é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e – o que é psicologicamente notável – por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida” (1917[1915], pp. 251 e 252)

Afirma Freud sobre o melancólico, mas Paulo não se mostrara exatamente desta forma, conforme explicitado anteriormente em seu relato.

A melancolia, segundo Freud, propõe um “caminho” bastante específico: em algum momento há, por parte do sujeito, uma escolha objetal e, com esta, a ligação e o investimento libidinal de alguma pessoa. Por qualquer motivo que se apresente dá-se o final da relação que se estabelecera e, assim, há o desinvestimento libidinal do objeto anteriormente catexizado e o deslocamento da libido, agora livre, para um novo objeto a ser investido. O que ocorre na melancolia é que a libido livre não investe um novo objeto. Ela se retira para o Eu, carregando consigo, por identificação, o objeto que deveria ser abandonado. Com a sombra do objeto caída sobre o Eu, este é julgado – e punido – pelo Supereu como se fosse o próprio objeto. O que fora uma perda objetal se apresenta agora como uma perda do próprio Eu, uma vez que este se vê “misturado” ao objeto com o qual se identificara, de modo que quase não há diferenciação entre o Eu e o outro. Talvez aqui exista uma aproximação do que ocorrera com a dinâmica psíquica descrita neste caso.

Para Paulo, perder o objeto amado, conforme discutido anteriormente, implica, para além da dor própria de uma perda desta, ter de se defender dos ataques do Supereu, mas não pelo fato de o seu Eu ter se identificado com o objeto abandonado e ter caído sob sua sombra, como ocorre no caminho melancólico, e sim por não ter sido capaz de manter sua posição ideal frente às demandas do Supereu. Em ambos os casos – de Paulo e da melancolia – o que está em jogo é o conflito entre o Eu e o Supereu, portanto, o que caracterizaria uma organização (ou estruturação) narcísica.

E com Paulo não fora diferente, pois, diante do término de sua relação ele criara, protegera e se apegara à sua relíquia antes de seu Ego se identificar com o objeto amado e deixar, primeiramente, ocorrer o trabalho normal do luto e abandonar o objeto que o abandonara e, em seguida, sucumbir à melancolia. Estaria aqui a saída de Paulo: tomar para si o que não mais lhe pertencia enquanto objeto de amor, mas que poderia ser seu enquanto objeto narcísico, enquanto parte integrante de seu Eu. E isto pouco tem que ver com a pessoa de sua amada, mas com aquilo que ela poderia lhe restituir: o ideal de seu próprio Eu (ou seria seu Eu ideal, portanto não castrado e onipotente?).

A escolha objetal de base narcísica pode apresentar, contrariamente à forte fixação no objeto amado – *No momento em que a vi eu soube, ela era o amor da minha vida. Sei disso.*

Foi obra do destino nos encontrarmos naquele dia, simplesmente coincidimos no tempo e no espaço, estávamos predestinados a ficar juntos –, pouco poder de resistência enquanto catexia, isto é, diante de algum obstáculo que se apresente a libido pode retornar regressivamente ao narcisismo, pois:

“(...) A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa substituição da identificação pelo amor objetual constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas.” (FREUD, 1917[1915], p. 255).

Outro ponto marca a proximidade entre a dinâmica psíquica apresentada por Paulo e a melancolia, tendo em vista que é a identificação a etapa anterior – e condição *sine qua non* – para qualquer escolha objetual de base narcísica. Assim sendo, o Eu escolhe o objeto a fim de incorporá-lo, de torná-lo parte integrante de si mesmo, devorando-o – *Na cama, e não só na cama, nós nos devorávamos!* – tal como o que ocorre na fase oral do desenvolvimento psicosssexual: “O objeto sou eu porque é meu, já que está dentro de mim pela minha boca”. Já com relação à ambivalência dirigida ao objeto amado, própria da organização melancólica, nada de muito nítido se apresentou durante a análise de Paulo, pois de sua amada pouco se queixava e não poderia ser diferente, visto o que ela representara enquanto uma relíquia.

Assim, difere do que diz Freud:

“Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente. Esse conflito devido à ambivalência, que por vezes surge mais de experiências reais, por vezes mais de fatores constitucionais, não deve ser desprezado entre as precondições da melancolia. Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento.” (1917[1915], p. 256).

Por volta de quatro a cinco meses após o fim da relação, Paulo frequentemente trazia à análise episódios de encontros casuais ocorridos a partir de uma “noitada”: *Ontem estive com uma mulher. Eu já a conhecia de vista e nos encontramos sem querer. Daí você já sabe. Eu já tinha bebido muito e ela também. Conversamos por meia hora no bar e depois fomos direto ao motel. Foi só sexo, aliás, tem sido assim, só sexo. Depois de transar não vejo a hora de voltar para casa, tomar um banho e dormir. Não quero ficar com ninguém agora. Estranho é que antes do sexo é como seu eu estivesse apaixonado, mas depois... Nada. Algumas chegam a se queixar da minha frieza e dizem que pareço fechado, isolado, não na hora do sexo, mas depois. E acho que elas estão certas. O que tem importado é conquistar a mulher e ter um*

bom sexo. Mas depois da coisa toda fica aquele mesmo vazio. E não dá para viver transando para me sentir bem. Aliás, parece que é só transando que me sinto bem, que me sinto vivo de novo.

O relato acima sugere sinais de mania, o que, segundo Freud, é a característica mais notável da melancolia: a de se transformar em mania.

“Como sabemos, isso não acontece a toda melancolia. Alguns casos seguem seu curso em recaídas periódicas, entre cujos intervalos sinais de mania talvez estejam inteiramente ausentes, ou muito levemente presentes. Outros revelam a alteração regular de fases melancólicas e maníacas que leva à hipótese de uma insanidade circular.” (1917[1915], pp.258 e 259).

Paulo encontrava-se alternando seus dias entre encontros puramente sexuais e o vazio, que agora lhe era mais que familiar. Contudo, parecia afastado de sua dor quando o sexo se fazia presente. Trazia-me a ideia de que enquanto estivesse transando tudo estaria bem e isto duraria por aproximadamente um ano. Contudo, nenhuma das mulheres com quem transava ao acaso estava à altura de se tornar uma nova namorada. A relíquia estava protegida! Mas não o satisfazia sexualmente, um bom sinal, a meu ver, pois ainda que “fechado” e “frio”, Paulo ainda mantinha alguma vinculação com o mundo e com as mulheres. Ainda que protegida, sua relíquia dava sinais de que não o satisfazia plenamente. Era necessário encontrar alguém, um “suporte” para sua relíquia. Paulo empreendera então uma nova busca.

Ainda que, a hipótese de um quadro maníaco tenha alterado de alguma maneira o estado melancólico em que Paulo se encontrara, o sexo casual, somado à posse e à devoção a sua relíquia, estava longe de proporcionar uma melhora – e uma ressignificação – em sua vida. Pois, assim como ocorre na melancolia, a mania não revela ao Eu o objeto sobre o qual triunfa: *O que tem importado é conquistar a mulher e ter um bom sexo. Mas depois da coisa toda fica aquele mesmo vazio.* Assim como o fetiche escamoteara a castração, a relíquia e, agora, a mania o protegiam do vazio e dos ataques do Supereu ao seu Eu, uma vez que novamente se tornara um bom amante, um conquistador, tal como seu pai, seu ideal. Paulo não estava “curado”, mas respirava.

Talvez, neste momento, Paulo tenha se libertado de sua amada, encontrava-se – por meio da disponibilidade libidinal que a mania proporciona ao fazer com que o Eu tenha superado e desinvestido seu objeto – *como um homem vorazmente faminto* por novas mulheres. Mas estaria ele disposto a renunciar à sua relíquia?

Ainda que, a meu ver, não se trate aqui de um paciente melancólico, as associações e aproximações por vezes se mostram inevitáveis. Ainda que o caráter de ambivalência – amor e ódio – não tenha se apresentado no discurso de Paulo com relação à sua amada, não se pode

ignorar a possibilidade de que não se trate aqui particularmente deste objeto, mas do objeto primeiro: sua mãe. Isto vai ao encontro da ideia da conservação de um souvenir do amor primeiro e impossível – a construção do fetiche frente à ameaça de castração – assim como à sua atualização em uma relíquia. Embora isso possa soar como uma conjectura – e não poderia ser de outra maneira –, a existência da relíquia parece se justificar a partir da ambivalência própria da melancolia:

“(...) A ambivalência constitucional pertence por natureza ao reprimido; as experiências traumáticas em relação ao objeto podem ter ativado outro material reprimido. Assim, tudo que tem que ver com essas lutas devidas à ambivalência permanece retirado da consciência, até que o resultado característico da melancolia se fixe. Isso, como sabemos, consiste no abandono, por fim, do objeto pela catexia libidinal ameaçada, só que, porém, para recuar ao local do ego de onde tinha provindo. Dessa forma, refugiando-se no ego, o amor escapa à extinção.” (FREUD, 1917[1915], p.262).

O amor escapa à extinção... A que custo? Uma melancolia? No caso de Paulo me sinto fortemente inclinado a pensar – como dito anteriormente – que não se trata de uma melancolia, como sugerem alguns sintomas e parte de sua dinâmica psíquica, mas de um quadro melancólico que desaparecia da mesma forma com que se instalara: súbita e silenciosamente. Sim, um quadro ou episódio melancólico dentro de uma organização na qual a triangulação edipiana se deu razoavelmente, portanto no espectro de uma neurose, ainda que narcísica. Outro ponto é que a melancolia implica, para além do queixume monotemático do sujeito frente à perda do objeto de amor, a identificação primária. Esta, por sua vez, é inerente à fase oral canibalista do desenvolvimento psicosssexual, por meio da qual o objeto é incorporado na sua totalidade e não em seus traços, como no caso aqui relatado, em que o objeto de amor primeiro deixara para trás um pedaço de si: aquele olhar.

Durante a análise de Paulo, a palavra passara a ganhar lugar e, com essa, a possibilidade de ele se enxergar em meio a sua dor. Passara então a se implicar frente ao abandono e à relação frustrada, a se ver em meio ao processo e a se preocupar consigo mesmo. Algo de uma integração por parte do Eu tomava lugar, seus pesadelos cederam lugar aos sonhos, e estes às palavras, passíveis de interpretação e (re) significação. Paulo dormia só, mas em paz.

Paulo pôde se enxergar como amante daquela relação mais do que amante daquela mulher, difícil aquisição da consciência. Chegou a confessar que era através de sua amada que se sentia vivo, inteiro, mas que isso não era dela, e sim, dele. Ele quis se fazer refém daquele amor, quis se entregar àquele sofrimento, quis se encontrar e se completar no e pelo outro. A luta com o luto dava lugar ao sujeito.

Caminhamos por mais alguns meses, até que Paulo se autorizou a seguir seu próprio caminho. Seu percurso foi tão árduo quanto frutífero, saía inteiro, integrado, mas incompleto. Contudo, algo dessa experiência – em que uma separação ou perda original foi atualizada – deixou nele uma marca de tom permanente. Saía vivo, ainda que triste e descrente no amor pleno que outrora acreditou ter vivido – e que viveu.

Face ao medo de perder-se e dissolver-se no outro, de desintegrar-se em meio à busca cega de algo no outro e através do outro, Paulo construía um muro, uma proteção, uma fronteira que o colocara a certa distância segura do mundo, mas muito mais próximo de si mesmo. Ele era um, ainda que consciente de sua não completude. A falta deixou sua marca e tornou-se – mais uma vez? – permanentemente presente.

Ao final de nossos encontros, Paulo disse que não vislumbrava ou desejava a possibilidade de ser “dois”, de ser parte de um “nós” algum dia – de ser parte de um casal novamente – visto que tal desejo trazia consigo o risco de perder-se mais uma vez, o risco de (quase) morrer psiquicamente.

O risco de morrer por amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O nosso ideal, devemos colocá-lo nas estrelas, embora fiquemos em meio do caminho”. Tolstói

E, assim, minha caminhada com Paulo chegara ao seu fim. Mas teria terminado a sua análise? Certamente, não.

Após sua partida e, agora, durante a escrita deste texto, algumas questões a mim se apresentaram, ainda que até hoje eu tenha a sensação (e desejo?) de que Paulo tenha feito uma escolha diante da impossibilidade de uma escolha. Contudo, teria ele feito um novo caminho? Gosto de pensar que sim, que ao término de nosso caminhar ele teve a escolha e a possibilidade de tornar-se mais sujeito e autor de sua própria história, e não mais um figurante preso numa trama narcísica de um “apaixonamento” recorrente. Mas estaria ele mais feliz? Creio que não.

Para Freud (1937), em “Análise Terminável e Interminável”, a análise termina quando analista e paciente deixam de se encontrar na sessão analítica. Obviamente, ele se referia ao caráter puramente prático do fim de uma análise que aconteceria quando duas condições fossem alcançadas:

“(...) em primeiro lugar, que o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas ansiedades e inibições; em segundo, que o analista julgue que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço. Se se é impedido, por dificuldades externas, de alcançar esse objetivo, é melhor falar de análise incompleta, de preferência a análise inacabada.” (p.235).

Como claramente não penso ter alcançado tal êxito junto a Paulo, sua análise estaria, portanto, longe de terminar. Creio que obtivemos algum sucesso no que se refere a um antes e depois, no que diz respeito a uma mudança de estado quando de sua chegada e quando de sua partida. A busca que Paulo começara a empreender no sentido de encontrar uma nova mulher ideal – que estivesse à altura de servir como suporte ao seu fetiche e à sua relíquia – indica que algo ali resistira e que, novamente (ou ainda) determinara suas escolhas objetais. Tivemos dois anos de caminhada e, neste tempo, não penso ter exercido sobre ele uma influência tão grande a ponto de não esperar que nenhuma mudança posterior se apresentasse caso a análise tivesse seguido. A tão ficcional e ideal *normalidade psíquica absoluta*, como nomeia Freud (1937), não fora atingida, de modo que todas as suas repressões tenham sido vencidas e suas lacunas de memórias preenchidas.

Ainda que não se trate aqui de um caso de melancolia – no qual a patologia narcísica tem sua base na identificação primária com o objeto em sua totalidade – a construção de um fetiche, a partir de um pedaço (ou souvenir) do objeto de amor primeiro, sugere algo da ordem daquilo que é constitucional – em detrimento do que é acidental – no que se refere às identificações primárias e à estruturação do Eu. Aquele olhar não diz apenas da mãe de Paulo, mas também de sua própria constituição, de seu próprio Eu. Ser visto era o mesmo que ser constituído através daquele olhar! O souvenir que marcara parte de sua constituição marcaria também sua escolha objetual narcísica: Ver-se no olhar do outro, encontrando-se quando amado e perdendo-se quando abandonado pelo outro. Ter a mãe que teve fora constitucional, escolher a mulher que escolhera fora acidental. Ambos os objetos são marcados por uma relação especular que não parece ter sido modificada. Paulo conservara a relíquia como pedaço de si, mas era preciso alguém para que pudesse ver-se enquanto ideal: amado, desejado, fálico e completo.

A experiência analítica, segundo Freud (1937), implica três fatores que se mostram decisivos quanto ao sucesso e quanto ao fracasso do tratamento: 1. A influência dos traumas; 2. A força constitucional dos instintos, e 3. As alterações do Eu. Diante do tempo de análise e da condição melancólica em que Paulo chegara à análise, penso, de forma otimista, que pudemos apenas esbarrar nos dois primeiros fatores, tamanha era sua devoção ao amor e ao objeto perdido. O desejo de não abandonar o objeto que o abandonara, a posse e o controle da relíquia que o conservara vivo de alguma maneira e, ao final, a retomada de um caminho há muito conhecido na busca da mulher ideal, portadora do fetiche e possível suporte da relíquia – que era ele mesmo – marcaram as limitações de sua análise.

Quando de sua chegada, me pus quase que exclusivamente a acolhê-lo em sua dor, o que duraria dois ou três meses, até que alguma intervenção de minha parte fosse possível de ser recebida por Paulo. Frente à impotência que o vazio em seu discurso me causara, escutei. E isto parece já ter sido algum sucesso, visto que “(...) Em estados de crise aguda, a análise é, para todos os fins e intuitos, inutilizável.” (FREUD, 1937, p.248).

A força constitutiva dos instintos – o desejo de fazer-se e de manter-se na posição ideal frente ao Id e ao Supereu – parecia abarcar toda a energia do Eu – que, por sua vez, fora constituído por este mesmo ideal. Abandonar o objeto de amor perdido enquanto tal era, portanto, ao mesmo tempo, renunciar à posição ideal e narcísica de ter e ser amado por aquela que carrega a marca – *aquele olhar* – do objeto de amor original. Objeto de amor este que dá suporte à relíquia que, por sua vez, encerra parte do Eu em si mesma enquanto objeto

especular. Renunciar ao objeto era quase o mesmo que renunciar a si mesmo. Era preciso então, apostar em alguma forma de alteração do Eu.

Freud (1937) chama a atenção àquilo que descreve como “amansamento” do instinto por parte do Eu, uma vez que se mostra impossível e indesejada o desaparecimento total e definitivo de qualquer exigência instintual, seja proveniente do Id ou do Supereu. Antes, o “amansamento” a que Freud se refere:

“(…) equivale a dizer que o instinto é colocado completamente em harmonia com o ego, torna-se acessível a todas as influências das outras tendências neste último e não mais busca seguir seu independente caminho para a satisfação. Se nos perguntarem por quais métodos e meios esse resultado é alcançado, não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: ‘*So muss denn doch die Hexe dran!*’ - a Metapsicologia da Feiticeira. Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse ‘fantasiar’ –, não daremos outro passo à frente. Infelizmente, aqui como alhures, o que a Feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso (...)” (pp. 240 e 241).

Sim, assim como dito por Freud, tive de convocar a Feiticeira em nosso auxílio, tamanha era a demanda instintual – a de que o Eu se mantivesse na posição ideal por meio da posse da relíquia – e a impossibilidade da realização do trabalho de luto. Partindo então para o pensamento metapsicológico, o conflito vivido por Paulo, para além da dinâmica psíquica trazida, deveria ser pensado de forma econômica. Já que abandonar o objeto não era seu desejo, talvez o caminho por mim desejado fosse o de buscar por meio do trabalho analítico uma relação mais equilibrada entre seu Eu e a força do instinto que o aprisionara. Algo da ordem de uma negociação parecera ter se iniciado. Como se eu pudesse lhe dizer: “Tudo bem se você não quiser abandonar o objeto, uma vez que, ele enquanto relíquia que agora é, faz parte do seu Eu. Mas, ao menos, invista si mesmo, cuide-se e busque alguém para amar, numa relação mais mediada pela realidade, pelo outro, e menos esmagadora a você”. Mas como poderia se ver Paulo – de forma ideal – sem recorrer à sua relíquia?

Distante de ser uma saída permanente, o amansamento, ou o equilíbrio desejado entre o Eu e as forças instintuais, se mostrava como um caminho possível para a análise de Paulo. Contudo, ainda que obtivéssemos tal êxito, essa saída – ou solução temporária – permanecerá para sempre à sombra das vicissitudes instintuais que marcam a própria existência, uma vez que o equilíbrio atingido se faz, em parte, pela repressão instintual, numa espécie de *represamento contra a pressão da água*. Desta forma, quaisquer novos traumas, frustrações ou exigências instintuais que se apresentem mais forte que o Eu, podem romper as barreiras construídas mediante o equilíbrio econômico alcançado por tal represamento. É um “por enquanto” está tudo bem. Adiar o inadiável? Talvez seja, mas nos parecia o único caminho possível.

É sabido o fato de que todas as repressões, segundo Freud (1937), se dão na primeira infância enquanto uma forma primitiva de defesa do Eu que ainda se encontra imaturo e frágil frente à força das demandas instituais. Nos anos seguintes são as mesmas repressões que persistem e se apresentam em defesa do Eu contra os conflitos, uma vez que não se fazem novas repressões. Daí surge a possibilidade – e a necessidade – de a análise capacitar o Eu, promovendo-lhe maior maturidade, força e maleabilidade diante da constatação de que as repressões oriundas da primeira infância acabam por não suportar a força e a pressão instintual que se apresentam ao longo da vida. Contudo, isto não pode ser afirmado e nem constatado no caso de Paulo, uma vez que, após sua análise, não mais soube se o relativo sucesso mostrara-se efetivo *a posteriori*. De sucesso nomeio aqui a possibilidade de Paulo, mesmo não renunciando à sua relíquia, seguir com a vida investindo mais seu Eu e novos objetos, ainda que com relação a estes a busca fosse claramente narcísica: *O que tem importado é conquistar a mulher e ter um bom sexo. Mas depois da coisa toda fica aquele mesmo vazio. E não dá para viver transando para me sentir bem. Aliás, parece que é só transando que me sinto bem, que me sinto vivo de novo.*

Sua análise não visava aqui à proteção frente a qualquer novo conflito, ou “recaída” maníaca, nem tampouco despertar algum outro conflito que já não estivesse manifesto em seu discurso. Sua análise visava à sobrevivência do Eu frente ao ideal exigido pelo Supereu e, neste sentido, eu não vislumbrava sucesso algum que o fizesse renunciar à sua relíquia. Mesmo porque, assim como na vida fora do divã, certas coisas acontecem a seu próprio modo e tempo, esta era minha aposta e meu desejo: gostaria de ver Paulo livre para amar outro que não a ideia de uma devoção a uma relíquia que o aprisionara. Contudo, isto diz muito mais sobre o meu desejo do que do dele, pelo menos é assim que a situação se encontrava.

“(…) O que um dia veio à vida, aferra-se tenazmente à existência. Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos.”, diz Freud (1937, p. 245) referindo-se a uma espécie de amálgama oriunda das fixações libidinais que se misturam entre si durante as fases do desenvolvimento psicosssexual do sujeito. De modo que as fases posteriores não substituem, anulam, superam ou isolam aquilo que ocorreu nas fases anteriores. Mas, ao contrário, as fixações remanescentes de todas as fases somam-se umas às outras e podem ser mantidas ao final das mudanças, em algo da ordem de uma configuração final – a genitalidade. Diante disto, como manter o otimismo frente à força de algo tão primitivo que insiste em permanecer intocado e imutável?

Recapitulando, o quadro melancólico de Paulo parece ter surgido na tentativa de não abandonar o objeto de amor primeiro, seu ideal e seu fetiche. A posse da relíquia o mantivera

afastado da ameaça de castração e próximo de seu objeto de amor incestuoso. Não fora seu sofrimento, esta saída pareceria muito bem elaborada. E fora. O trabalho da análise, para além do acolhimento de sua dor, constituía-se aqui na tentativa de estabelecer uma aliança com o Eu, a fim de promover a este uma saída menos dolorosa frente ao conflito vivido. Gosto de pensar que houvera uma alteração do Eu frente às demandas superegóicas. Contudo, novamente, isto diz mais sobre o meu desejo e não do dele.

Num dia qualquer, que de “qualquer” não teve nada, fui surpreendido pelo fim. Sem motivo aparente ou que me parecesse justo, fui atingido por palavras ditas por aquela que eu julgava ser minha metade, minha mulher e o amor da minha vida. Palavras que me rasgaram meu espírito, me roubaram a paz e destruíram os meus sonhos e planos, acabaram com o meu amor e o meu amar... O “nós” não existia mais, restei sozinho, eu sem ela. Eu não aceitei, não poderia aceitar aquilo, mas o que eu poderia fazer? O quê? Fazer o quê? Aceitar o fim não fora a escolha de Paulo.

Ao contrário, a escolha de Paulo vai ao encontro do que afirma Freud (1937):

“(...) O aparelho psíquico não tolera o desprazer; tem de desviá-lo a todo custo, e se a percepção da realidade acarreta desprazer, essa percepção – isto é, a verdade – deve ser sacrificada. No que se refere a perigos externos, o indivíduo pode ajudar-se durante algum tempo através da fuga e evitando a situação de perigo, até ficar suficientemente forte, mais tarde, para afastar a ameaça alterando ativamente a realidade. Mas não é possível fugir de si próprio; a fuga não constitui auxílio contra perigos internos. E, por essa razão, os mecanismos defensivos do ego estão condenados a falsificar nossa percepção interna e a nos dar somente uma representação imperfeita e deformada de nosso próprio id. Em suas relações com o id, portanto, o ego é paralisado por suas restrições ou cegado por seus erros, e o resultado disso, na esfera dos eventos psíquicos, só pode ser comparado a caminhar num país que não se conhece, sem dispor de um bom par de pernas” (p. 253)

Assim encontrava-se Paulo, perdido em si mesmo.

A negação da perda de sua amada e a defesa maníaca aliada à posse da relíquia nos remete à negação da ameaça de castração vivida e escamoteada por Paulo por meio da construção de um fetiche. E para isto servem os mecanismos de defesa: manter os perigos afastados a fim de preservar o Eu, e nisto são bem sucedidos. O que pode ocorrer é que por vezes o Eu acaba por pagar um preço demasiado alto pelos serviços a ele prestados, de modo que a energia psíquica exigida na manutenção dos mecanismos de defesa acaba por restringir os investimentos do Eu, seja em si mesmo ou em outros objetos. Não obstante, a manutenção de tal escolta nos difíceis e frágeis primeiros anos de vida faz com que esta se torne parte fixada e, portanto, integrante daquilo que Freud nomeia como caráter, e que se mantém em estado de alerta durante toda a vida, colocando-se à frente toda vez que uma nova ameaça atualiza a original. Certo infantilismo é o que marca, então, o Eu adulto quando este recorre

ao seu velho, conhecido e limitado repertório de mecanismos de defesa. E Paulo parecia, agora, estar recorrendo à sua escolta. A negação da perda – a impossibilidade do trabalho do luto e a defesa maníaca frente à ameaça de ver-se castrado já que não se mantivera na posição ideal – fez com que empreendesse a mesma busca por uma mesma mulher: ideal e impossível. Sobre isto afirma Freud (1937):

“(...) O ego do adulto, com sua força aumentada, continua a se defender contra perigos que não mais existem na realidade; na verdade, vê-se compelido a buscar na realidade as situações que possam servir como substituto aproximado ao perigo original, de modo a poder justificar, em relação àquelas, o fato de ele manter suas modalidades habituais de reação. Assim, podemos facilmente entender como os mecanismos defensivos, por ocasionarem uma alienação cada vez mais ampla quanto ao mundo externo e um permanente enfraquecimento do ego, preparam o caminho para o desencadeamento da neurose e o incentivam.” (p. 254).

Repetição, sim. Algo da ordem de uma compulsão à repetição se anunciara. O limite e o fracasso do trabalho analítico – a despeito dos seus sucessos – repousam aí. A compulsão à repetição está a serviço da pulsão de morte, pois a repetição visa à repetição do mesmo. E, neste sentido, o campo das paixões se mostra extremamente fértil para tal produção. Paixão, simbiose, indiferenciação eu-outro, a fusão enquanto a erotização da pulsão de morte etc. Estaria Paulo buscando a si mesmo em suas relações? Estaria procurando restituir a si mesmo uma posição narcisicamente privilegiada e ideal através de suas mulheres? Reluto, em nome de meu próprio ideal como jovem analista, mas, afirmo que sim. A alteração do Eu, sucesso por mim atribuído a esta análise, parece não ter ido muito mais além de fortalecer suficientemente o Eu a fim de que este seguisse buscando a si mesmo sem renunciar à sua relíquia, ao seu fetiche e, por conseguinte, sem lidar com sua castração edípica.

Nos momentos de defesa maníaca, Paulo atua na vida como Don Juan de Marco – personagem fictício, galanteador e sedutor, originado no folclore, herói-vilão de romances, poemas, peças-teatrais, filmes e permanentemente conhecido através da ópera “Don Giovanni”, de Mozart (1787). No entanto, sua origem remonta ao século XVII, com o romance “El Burlador de Sevilla”, de autoria do dramaturgo espanhol Tirso de Molina (1630) – procurando a mãe em todas as mulheres e não conseguindo encontrá-la. Este comportamento deve-se, sem dúvida, ao complexo de Édipo que marca a vida do amante sedutor pelo objetivo pré-genital da incorporação, o impregna de necessidades narcísicas, com matizes de impulsos sádicos dirigidos aos objetos. Segundo Fenichel⁷ (1998, p. 228) “Em outros termos, o esforço pela

⁷ FENICHEL, Otto. Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e Bases da Doutrina Psicanalítica. São Paulo. Editora Atheneu. 1998.

satisfação sexual ainda se condensa com o desejo de ganhar provisões narcísicas a fim de manter a autoestima.” Contudo, a clínica se faz possível no possível.

Por vezes, me sentia falando sozinho nas sessões, pois Paulo simplesmente parecia não querer ouvir. Afinal de contas, ele ainda se encontrava na companhia de quem tanto desejava: sua relíquia, ele mesmo. Frustração minha, certamente. Contudo, é fato de que qualquer trabalho analítico tem seus altos e baixos, ou, nas palavras de Freud, *nosso trabalho terapêutico está constantemente oscilando para trás e para frente, como um pêndulo*. E isto se deve às resistências, pois os mesmos mecanismos de defesa que escoltaram o Eu ao longo de seu desenvolvimento surgem uma vez mais para protegê-lo dos perigos que o tratamento oferece: seu restabelecimento, sua melhora. Melhora aos olhos do analista! E, novamente, isto diz mais sobre meu desejo do que do dele. Era como se Paulo estivesse mais uma vez numa relação triangular: Ele, sua relíquia e eu. O resultado não poderia ser outro, Paulo abandona sua análise:

Olha, vim hoje somente para te agradecer por tudo o que você fez por mim. Por ter respeitado a minha dor e o meu silêncio quando eu não podia nem falar. Sinto que algo mudou dentro de mim, não sei te dizer o que é, mas sinto isto lá dentro. Sei que estou longe de ter me resolvido por completo, mas acho que cheguei aonde queria com este trabalho aqui. Para te falar bem a verdade, não sei se estaria vivo se não tivesse vindo procurar ajuda. Cheguei aqui praticamente morto, sei disso. Cheguei aqui sem sentir nada além da dor. Ainda não estou feliz como gostaria de estar, mas sei que daqui para frente é comigo. Só eu posso fazer a coisa andar daqui em diante. Mas sou muito grato a você, por tudo. Pelo silêncio e especialmente pelas palavras. Confesso que te odiei em alguns momentos, senti que não merecia escutar algumas coisas, mas é assim mesmo. As verdades doem demais e eu não queria aceitá-las. Saio mudado, mas não me sinto bagunçado como quando cheguei, é estranho, não encontro as palavras, mas algo mudou em mim.

Assim se fora Paulo. Confesso que não fora nenhuma surpresa, pois algo de sua repetição já vinha se anunciando há algum tempo. Não penso que tenha ido da mesma forma como chegou: tão apegado e tão apagado pelo seu sofrimento, ainda que, aparentemente, não tivesse renunciado àquilo mesmo que causara sua dor. Contudo, sinto e penso que seu Eu fora capaz de acolher parte de sua verdade, de ter a coragem de assumir e dar destino (outro?) a seu próprio desejo sem sofrer em demasia com as alterações causadas pelos mecanismos de defesa primários, os quais podem repelir este mesmo desejo. Gostaria que tivéssemos seguido com o trabalho, talvez pudéssemos “escavar um pouco mais e ir mais fundo”, como ele mesmo dizia. Mas isto diz do meu desejo, e não do dele.

Como Paulo mesmo disse: *Sei que estou longe de ter me resolvido por completo, mas acho que cheguei aonde queria com este trabalho aqui*. “O cliente sempre tem razão”, me disse um dia, meu então supervisor clínico e hoje meu orientador neste trabalho, Renato Mezan. Sábias palavras! Sua “cura” (sublimação?) talvez estivesse longe de ocorrer, talvez não. Fato é que preferiu seguir seu caminho sem a análise. Freud (1937) aponta um dos fatores que podem estar presentes quando da interrupção ou do abandono da análise por um paciente, e que nos remete a uma faceta fundamental no caso e na história de Paulo: aceitar a castração. Na análise de homens não é raro o fato de o paciente resistir às intervenções do analista e ao próprio trabalho analítico, uma vez que a ideia de submeter-se a outro homem – a um substituto paterno – pressupõe a passividade, demanda o contato com a feminilidade e atualiza o complexo de castração. Sentir-se em débito para com um homem é inaceitável! Ainda que tal débito seja em função de sua melhora!

Portanto, o ponto limite da análise é a castração simbólica, que na situação analisante se deve ao analista/pai. É a revivescência – pela transferência – da angústia de castração, é a aceitação da feminilidade, da falta em detrimento da onipotência narcísica infantil em relação ao objeto mãe. Como poderia Paulo abdicar de seu lugar fálico mediante a análise? Pois é justamente aí que reside seu conflito central: ser fálico para a mãe é restituir a unidade fálica (mãe-bebê), é viver na completude fusional, é ser e viver o desejo do desejo da mãe. Contudo, isto são apenas conjecturas de minha parte, pois ainda que apoiado em parte da história de sua vida e na metapsicologia, não disponho de material clínico para discutir estas hipóteses com mais propriedade.

Neste ponto, penso seja desnecessário dizer o quanto a análise deste sujeito marcou meu percurso como jovem analista e como sujeito. Mas acredito ser indispensável tecer alguns comentários sobre os aspectos transferenciais que, inevitavelmente, confluíram para a escolha desta temática e deste caso particularmente, dentre tantos outros que, por ventura, eu pudesse ter escolhido dissertar.

No que se refere à “polaridade” transferencial, para além das resistências já assinaladas próprias a qualquer trabalho analítico, nosso vínculo sempre foi positivo. Paulo, desde o primeiro contato, mostrou-se pontual, assíduo e bastante correto com os valores acertados entre nós, e em momento algum me dirigiu a palavra de forma grosseira, mesmo diante de uma interpretação que pudesse tê-lo incomodado. Ele foi o “filho ideal”, como provavelmente deveria ter sido em relação a seu pai. Ele não travou embates ou disputou um lugar fálico, que denotasse uma disputa por poder nas sessões. Aceitou o divã de bom grado e após falar sua dor, pôde falar de si sem embaraço ou meias-palavras. Sua relação comigo e

com sua análise me pareceu bastante marcada pela transparência, mesmo porque penso que lhe fosse impossível “querer parecer melhor” aos meus olhos do que realmente estava. Seu fetiche foi capaz de ludibriar a ameaça de castração, sua relíquia negou a perda, mas seu discurso não tinha tal caráter, a dor sempre se fez presente em suas palavras – e no seu silêncio – por quase todo o tempo de sua análise comigo. Ele era fiel à sua dor, e isto, a meu ver, foi um privilégio no sentido de obter algum sucesso em meio às suas resistências.

Após alguns meses sem notícias ou contato algum, Paulo me surpreendeu no consultório com uma visita totalmente inesperada. Veio me trazer seu convite de casamento. Penso que, novamente, me incluiu em sua triangulação edipiana: ele, sua nova amada e eu. De súbito, ignorando o convite em minhas mãos, lhe perguntei:

-É ela?

Com um tom cinza e conformado, Paulo me responde:

-Não. Amor como aquele é uma vez na vida!

Teria Paulo finalmente aceitado, atravessado e elaborado o luto pela sua amada? Teria se desvincilhado do poder que sua relíquia exercia sobre ele? Teria, afinal, aceitado a castração e desistido do amor perfeito e da mulher dos seus sonhos? Não saberia dizer, mas confesso que seu gesto significou muito para mim. Sua partida súbita talvez tenha sido uma espécie de grito de liberdade, no que se refere à possibilidade de caminhar sozinho, para longe do ideal/pai/analista que possa ter se atualizado – e ressignificado? –, na sua análise mediante a transferência. De sua nova amada, eu só conheci o nome impresso no convite de casamento, ao qual não compareci. Pois confesso que no momento em que recebi o convite, desejei ver o nome daquela, da portadora de seu fetiche, que se constituía em parte de sua relíquia. Talvez fora um desejo meu ver “um final feliz” como nos contos infantis.

O “viveram felizes para sempre” não trata de quem, mas do que está em jogo.

Casar com outra mulher talvez tenha sido, – na minha forma mais otimista de pensar, aquilo que proporcionou a Paulo, de modo mais permeado pela realidade, portanto castrado (?), – uma nova saída frente ao Complexo de Édipo. Talvez a destruição do objeto incestuoso enquanto objeto de amor – e, neste caso, também do fetiche e da relíquia por meio da renúncia e do conseqüente luto pela perda dos laços e vínculos infantis – tenha possibilitado a ele uma experiência nova: amar o outro, fazer uma escolha objetal em que o outro seja investido como sujeito que é, ainda que, inerente e inevitavelmente tal objeto seja mediado pelo ideal narcísico, uma vez que não há nunca algo como a destruição definitiva do complexo de Édipo.

Poderia haver aqui, neste trabalho, muito mais sobre muito mais ainda! Este caso, se submetido a outros analistas, certamente teria tantas escutas e interpretações quanto fossem os

possíveis leitores, dado o caráter polissêmico das palavras e a universalidade de alguns conceitos aqui discutidos. Que atire a primeira pedra aquele que nunca se apaixonou! E a segunda aquele que escapou ao Édipo!

Discutir um caso de amor-paixão, à luz de conceitos psicanalíticos da obra de Freud. Este foi o objetivo do presente trabalho. Muitos outros autores poderiam ter sido convocados, contudo optei por permanecer em um terreno que me fosse mais seguro e familiar, como os textos freudianos. Assim se transcorreu meu caminhar, linha a linha, página a página, me enxergando como sujeito em várias passagens do texto, como se já não fossem suficientes as dificuldades peculiares à escrita de um trabalho de cunho clínico. Contudo, assim deve ser! A escrita clínica tem de se fazer viva! Tem de verdadeiramente ser incômoda para se tornar produção mediante a escuta e a escrita do analista/pesquisador. Se assim não o fosse, creio que teria tempo de sobra para a produção de alguns trabalhos de caráter estritamente acadêmico. Sim! Refiro-me às minhas próprias resistências e às limitações que estas me impuseram ao longo desta dissertação. Falar, pesquisar e escrever sobre o outro pode ser uma tarefa relativamente simples e indolor. Entretanto, falar do outro que habita em todos nós requer “transcendência”, uma elevação além do limite de nós mesmos para, assim, contraditoriamente, permearmos a mente do analisando com isenção. Requer, enfim, muito esforço e energia extra em virtude do tipo de trabalho no qual me senti sobreterminada e intimamente implicado. Afinal, se existe diferença entre o sujeito aqui pesquisado e eu, enquanto analista/pesquisador, essa reside no fato de a pena estar em minhas mãos e não nas dele.

E assim como Paulo fora abandonado e abandonou sua análise, é hora de abandonar esta pesquisa, ainda que longe de estar plenamente concluída. Prefiro afirmar, seguindo os passos de Freud, que esta dissertação se encontra incompleta. Contudo, é chegado o momento de deixar de lado minha pretensão – de caráter ideal, infantil e onipotente – de dizer tudo que há para ser dito sobre este caso ou tema. É hora de sustentar o que aqui pôde ser expresso e seguir adiante, pois, certamente o que não foi expresso aqui poderá ser dito de outra forma e em outro momento.

Aos irmãos de inconsciente – analistas, pesquisadores ou, simplesmente sujeitos – cabe a árdua e perpétua (?) tarefa: de se haver com os limites – internos ou da realidade externa – impostos a qualquer investimento, de se haver com os ideais, com os desejos e com as castrações inerentes ao viver. Mas isto é tema para minha análise pessoal.

Quanto a Paulo... Viveu feliz enquanto pôde. Mas esta é outra história, a ser escrita por suas próprias mãos.

“E viveu”... Como pôde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FÉDIDA, Pierre. *Clínica Psicanalítica: Estudos*. São Paulo. Escuta. 1988.

_____. *Dos Benefícios da Depressão: Elogio da psicoterapia*. São Paulo. Escuta. 2002.

FENICHEL, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e Bases da Doutrina Psicanalítica*. São Paulo. Editora Atheneu. 1998.

FIGUEIREDO, L. C. M. *A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível*. In: Edilene F. de Queiroz; Antônio Ricardo da Silva. (Org.). *Pesquisa em psicopatologia Fundamental*. 1ª ed. São Paulo: Escuta, 2002, v., p. 129-142.

FREUD, Sigmund (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. VII.

_____. (1908). *Romances Familiares*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. IX.

_____. (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. X.

_____. (1910). *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XI.

_____. (1912). *A Dinâmica da Transferência*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XII.

_____. (1914). *Sobre o Narcisismo: Uma introdução*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XIV.

_____. (1915). *Os Instintos e Suas Vicissitudes*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XIV.

_____. (1915[1914]). *Observações sobre o Amor Transferencial*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XII.

_____. (1917[1915]). *Luto e Melancolia*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XIV.

_____. (1919). *O Estranho*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XVII.

_____. (1920). *Além do Princípio de Prazer*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XVIII.

_____. (1921). *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XVIII.

_____. (1923). *O Ego e o Id*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XIX.

_____. (1927). *O Futuro de Uma Ilusão*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XXI.

_____. (1937). *Análise Terminável e Interminável*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago. 1996. Vol. XXIII.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana, vol. 3: Artigos de Metapsicologia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1995.

HORNSTEIN, Luis. *Cura Psicanalítica e Sublimação*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1990.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

LAPLANCHE, J-B. *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo. Ideias e Letras. 2005.

MEZAN, Renato. *Escrever a Clínica*. São Paulo. 2ª Ed. Casa do Psicólogo. 2006.

_____. *O amor romântico no século XXI*. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis, coordenador. *O Amor em Tempo de Desamor e o Enigma: O Brasil Tem Jeito?* Rio de Janeiro. José Olympio. 2008. p. 63-81.

MIGUELEZ, Oscar M. *Narcisismos*. São Paulo. Escuta. 2007.

NASIO, J. –D. (2005). *A Dor de Amar*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2007.

PESSOA, Fernando. *A Floresta do Alheamento*. In: *Livro do Desassossego*. Lisboa. Ática. 1982.

ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro. Guanabara. 1988.

VELLOSO, João Paulo dos Reis, coordenador. *O Amor em Tempo de Desamor e o Enigma: O Brasil Tem Jeito?* Rio de Janeiro. José Olympio. 2008.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre. Artmed. 1999.

Disponível em :<www.citador.pt.br>acesso dia 10/03/2014.